

CENTRO CULTURAL VILA ÁFRICA

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA EM PIRACICABA-SP



CENTRO CULTURAL VILA ÁFRICA

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA EM PIRACICABA-SP

MÁRCIO ANTONIO LINO JUNIOR

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

ANJA PRATSCHKE
LUCIANO DA COSTA

ORIENTAÇÃO

JOANA D'ARC DE OLIVEIRA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO CARLOS - 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LL758c Lino Júnior, Márcio Antonio
Centro Cultural Vila África: Centro de Valorização da Cultura Negra em Piracicaba-SP / Márcio Antonio Lino Júnior. -- São Carlos, 2023.
165 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. territórios negros. 2. centro cultural. 3. vila África. 4. cartografias negras. 5. piracicaba-sp. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais, Alessandra e Márcio, pelo apoio e por sempre me mostraram o caminho do estudo e me incentivaram a ir mais longe.

Ao meu vô Mário, minha vó Aurea e minha vó Laurinda, que sempre me acompanharam por toda a trajetória. Ao meu vô Alcides, que apesar de não poder acompanhar esse momento, tenho certeza que seria o mais feliz ao me ver chegar aqui.

Aos meus amigos que me fizeram companhia nas noites de trabalho, Sima, Karen e Cadu.

A minha orientadora e apoiadora, Joana D'arc. Agradeço a paciência e a guia por essa trajetória.

Aos membros do grupo cartografia urbanas com os quais pude compartilhar meu aprendizado.

Aos meus gatos que não saíram do meu lado durante as madrugadas em claro.

Ao meus amigos da escola que mesmo após todos esses anos continuam constantes em minha vida.

Aos professores Luciano e Anja, que nos guiaram ao decorrer desse semestre decisivo. Aos funcionários do IAU por todos os pequenos momentos que compartilhamos.

Por fim, agradeço a Marcinha Vila África, que abriu as portas para que esse trabalho fosse possível. Agradeço também a todos os membros da comunidade Vila África.

RESUMO

Este trabalho desenvolveu-se a partir da iniciação científica do autor intitulada: “Vila África em Piracicaba-SP: o registro de um Patrimônio Cultural Afro-brasileiro”.

A Vila África em Piracicaba-SP é um quilombo urbano de grande valor para o patrimônio material e imaterial da cultura negra no município. No local, desde a década de 1950, moradores resistem aos avanços do mercado imobiliário fruto de uma cidade elitizada, branca e hostil; desenvolvendo suas práticas culturais, crenças e vivências nas ruas e quintais do bairro que legalmente foi nomeado de Vila Independência.

Com a bagagem da iniciação científica e dos temas abordados ao longo da formação acadêmica do autor, e a riqueza do contexto do local, foi projetado um Centro Cultural para acolher as vivências culturais e formativas empreendidas pelas famílias remanescentes da Vila África. Trata-se de um corpo material e arquitetônico capaz de reunir as práticas da população, fornecendo acima de tudo, um espaço de encontro e confraternização para a celebração, divulgação e preservação da cultura negra de Piracicaba-SP.

palavras chave: territórios negros, centro cultural, vila áfrica, cartografias negras. piracicaba-sp.

ABSTRACT

This work was developed from the scientific research of the author entitled: “Vila África in Piracicaba-SP: the record of an Afro-Brazilian Cultural Heritage”.

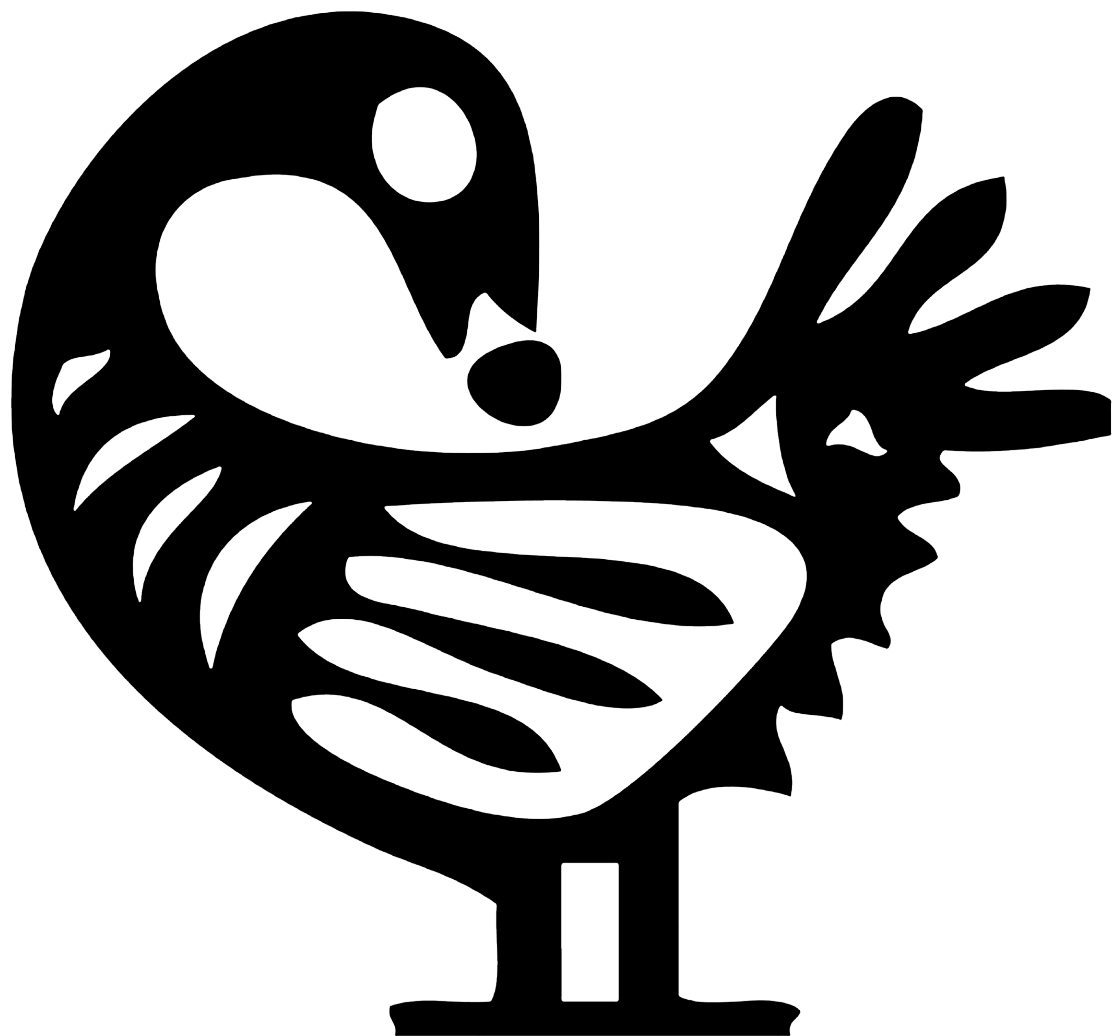
Vila África in Piracicaba-SP is an urban quilombo of great value for the tangible and intangible heritage of black culture in the municipality. In the place, since the 1950s, residents have resisted the advances of the real estate market, the result of an elitist, white and hostile city; developing their cultural practices, beliefs and experiences in the streets and backyards of the neighborhood that was legally named Vila Independência.

With the baggage of scientific initiation and the topics covered throughout the author’s academic training, and the richness of the local context, a Cultural Center was designed to host the cultural and training experiences undertaken by the remaining families of Vila África. It is a material and architectural body capable of bringing together the practices of the population, providing, above all, a meeting and fraternization space for the celebration, dissemination and preservation of black culture in Piracicaba-SP.

keywords: black territories, cultural center, vila africa, black cartographies, piracicaba-sp.

SUMÁRIO

12	Introdução
22	Territórios negros urbanos
28	População negra em Piracicaba-SP
32	Rota Afro em Piracicaba
36	Quilombo do Corumbataí
38	Sociedade Beneficente 13 de Maio
43	Vila África
64	Leitura do território
72	Vila Independência
82	Terreno escolhido
86	O projeto
88	Referências Projetuais
94	Programa
98	Processo Projetual
160	Referências
162	Apêndice



1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Meu projeto, localizado na Vila África em Piracicaba-SP, tem como objetivo central prover um espaço que comporte a riqueza cultural do bairro e da cultura afro-brasileira, propondo espaços de convivência, manifestação cultural e aprendizado para as moradoras e moradores do bairro.

A Vila África é um quilombo urbano de destaque para o patrimônio Afro-brasileiro na cidade de Piracicaba. A comunidade vem desde 1950, dentro do bairro Vila Independência, se consolidando como um núcleo cultural, preservando suas práticas e resistindo contra os avanços do mercado imobiliário e o embranquecimento da região.

Apesar da grande importância do bairro para a cultura africana em Piracicaba, a região carece de um espaço físico que comporte as nuances e especificidades da comunidade, que muitas vezes realizam suas atividades na

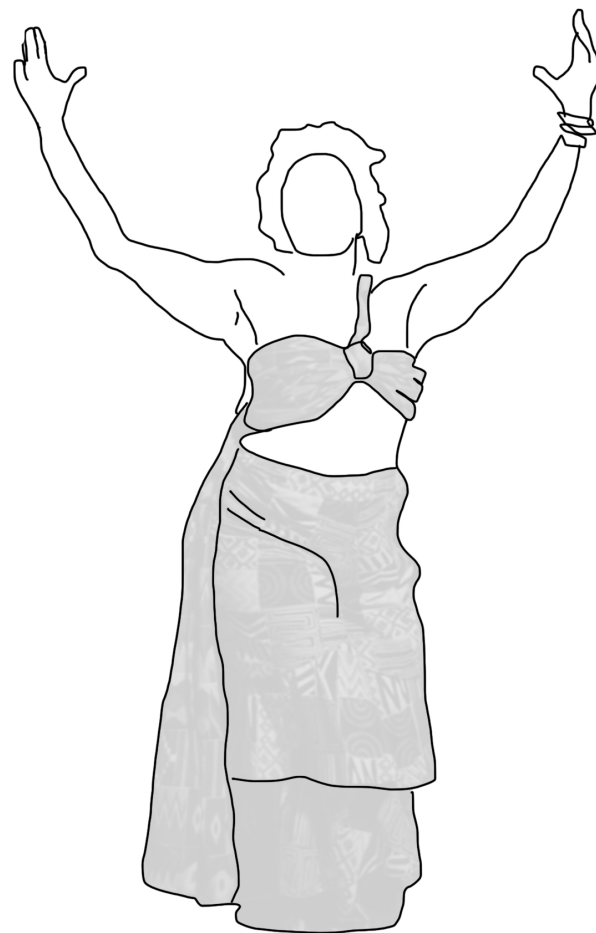
rua, terrenos baldios ou no centro cultural “Faé” que, além de distante da vizinhança, conta com uma estrutura limitada e insuficiente.

Localizado próximo a casa da família Antonio, família tradicional da Vila África, a forma do projeto tira partido do terreno e seu desnível, no qual seu assentamento resulta em dois acessos, um pelo primeiro pavimento e outro pelo segundo. A partir desse desnível foi realizada as separações dos usos, sendo o segundo pavimento voltado para os programas do centro cultural e o primeiro para o usos e vivências da comunidade. O programa do projeto conta com uma biblioteca integrada a um espaço de informática para uso dos moradores e concentra bibliografias que tangem a questão da negritude e a cultura afro-brasileira e literatura geral; um espaço expositivo para divulgação das histórias do bairro e as trajetórias de seus moradores; uma sala de reunião, sala de artesa-

natos integrada à brinquedoteca, sala de dança, cozinha e refeitório. O ponto focal do projeto se dá para o grande pátio central, para o qual todo equipamento se volta, onde pode haver infinitas apropriações por parte dos moradores.

Essas áreas livres do projeto buscam trazer a tona as dinâmicas de convivência típicas de um quintal negro urbano, que segundo Oliveira (2018), se configura num espaço aquilombado que congrega moradia, espaço cultural, religioso, familiar, político e de subsistência. O objetivo é que os usuários por meio de múltiplas apropriações, integrem o espaço aberto (quintal Vila África), com a cozinha, o refeitório, a sala de dança e o espaço expositivo. A principal ideia é tornar o pátio do projeto um quintal negro urbano, trazendo as vivências e as relações de coletividade e de território típicas deste espaço, em uma tangência entre espaço e identidade.

A materialidade do projeto busca enfatizar o uso de blocos de alvenaria e madeira, articulando



uma arquitetura vernacular com qualidades técnicas e materiais usados no continente africano. Dentro do projeto também foi implantado uma parede com técnicas de construção em terra, com objetivo de fazer da arquitetura uma ferramenta de informação e valorização das heranças africanas.

Além de fornecer uma estrutura adequada para as atividades culturais, o centro também provê um ambiente favorável para a execução de cursos profissionalizantes e outros programas que possam beneficiar diretamente a comunidade, com destaque para as mães negras que habitam no bairro.

Por fim, o projeto do Centro Cultural Vila África busca ser um espaço onde o povo negro de Piracicaba possa performar suas práticas religiosas e culturais de forma digna, contemplando suas nuances e podendo expandir sua riqueza para toda Piracicaba, se tornando um polo de referência para a comunidade afro-brasileira historicamente apagada na cidade.

1.1 MOTIVAÇÕES

As motivações para a escolha deste tema para desenvolvimento do trabalho de graduação integrado é também um grande resumo da minha trajetória acadêmica no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Em 2019, durante uma disciplina optativa ministrada pelo professor Paulo Fujioka, tive a oportunidade de ver a apresentação da Professora Dra. e minha orientadora, Joana D'Arc de Oliveira, sobre seu trabalho de doutorado, intitulado “Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos.”. A partir desta apresentação, nasceu o interesse em desenvolver uma pesquisa de iniciação científica em um tema até então muito distinto e distante das abordagens sobre arquitetura e cidade que havíamos na grade do curso.

A partir de então, fui abraçado como orientando e pude desenvolver, de forma voluntária

a pesquisa de iniciação científica “Trajetórias urbanas de mulheres negras no pós-abolição em Araquara”, entre 2019 e 2020. Com essa pesquisa pude ampliar meus horizontes, entrar em contato com literaturas, autores, ideias e pessoas que ajudaram a construir o meu repertório de cidade, arquitetura e sociedade, que hoje dão vida a este trabalho de graduação integrado. Pude entrar em contato com autores como Achile Mbembe, Henrique Cunha, Beatriz Nascimento e Frantz Fanon, que enriqueceram uma leitura de cidade e arquitetura decolonial e pautada na negritude, analisando aspectos particulares das culturas africanas e a forma como o povo negro se relaciona com o espaço urbano e com a cultura.

Além disso, pude compreender melhor as significações de um quintal negro urbano e suas peculiaridades, tomando o espaço



marcinha vila áfrica

como um meio de registro da identidade de um grupo, um local de resistência.

Pude principalmente entrar em contato com pessoas negras que vivenciam e compõem esses territórios em sua totalidade. Pessoas que me enriqueceram com suas histórias, identidades, ideias, sonhos e perspectivas de vida. Pude me envolver para além do aspecto científico da pesquisa. Pude sobretudo ter um contato humano com os envolvidos em todo o processo. Passo fundamental para poder, futuramente, exercer a profissão de arquiteto e urbanista de forma íntegra e pautada na diversidade, inclusão e acolhimento.

Em 2021, após o desenvolvimento da pesquisa na cidade de Araraquara, surgiu a necessidade pessoal de compreender como esses elementos pesquisados se aplicavam a minha cidade natal, Piracicaba-SP. Através de um le-

vantamento de pontos de interesse, foi decidido focar na comunidade Vila África, dentro do bairro Vila Independência. A pesquisa foi desenvolvida entre 2021 e 2022 com apoio do CNPq com a bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

As pesquisas resultaram em artigos, publicações em livros e também em um curso de extensão em parceria com o SESC São Carlos, intitulado “Cartografias Pretas”, desenvolvido pela Profa Dra Joana D’arc de Oliveira e pelos pesquisadores de iniciação científica: Fabiana Oliveira Palmeira, Gerlânia Bezerra da Costa, Maria Julia List Rizato e Vitor Daniel Menck. O curso abordou territórios negros no interior de São Paulo nas cidades estudadas pelos membros do grupo, abrangendo Americana, Araraquara, Piracicaba, Santa Bárbara D’Oeste e São Carlos. Contou também com a participação dos

moradores envolvidos nessas pesquisas: Tia Odila, Nazaré Salvador, Dito Preto e Marcinha Vila África.

A Vila África é um quilombo urbano de destaque para o patrimônio Afro-brasileiro na cidade de Piracicaba. A comunidade vem desde 1950, dentro do bairro Vila Independência, se consolidando como um núcleo cultural, preservando suas práticas e resistindo contra os avanços do mercado imobiliário e o embranquecimento da região. Palco de grandes manifestações artísticas, políticas e culturais da população negra. É um dos principais locais onde a população negra, com destaque para a família Antônio, pode desenvolver suas práticas, se apropriando da rua e das áreas livres para dança, lazer, práticas religiosas e manutenção de seus costumes. A partir disso foi desenvolvida a pesquisa “A Vila África em Piracicaba-SP: o registro de um Patrimônio Cultural

Afro-brasileiro”, onde pudemos conhecer sobre as relações do bairro com a cidade, seus moradores e com o resto da população preta de Piracicaba, destacando o papel do bairro como um centro de encontro e união. Lá, pudemos encontrar os elementos de quintais negros urbanos, que fundamentaram nossa base teórica. Tive durante o desenvolvimento da pesquisa a oportunidade de entrevistar Marcinha Vila África (Márcia Antonio), uma das líderes e articuladoras da Vila África. Márcia foi a grande guia por todo processo de pesquisa, sendo seus conhecimentos de vida fundamentais para a compreensão das dinâmicas e da formação do bairro. Ela abriu as portas da casa da família e permitiu que fossem feitos levantamentos métricos e fotográficos do local.

Apesar da grande importância do bairro para a cultura africana em Piracicaba, a região

carece de um espaço físico que comporte as nuances e especificidades da comunidade, que muitas vezes realizam suas atividades na rua, terrenos baldios ou no centro cultural “Faé” que, além de distante da vizinhança, conta com uma estrutura limitada e insuficiente.

Portanto, assim como já explicitado, o projeto surge com a necessidade de prover um espaço digno e de qualidade, com riqueza espacial para comportar toda a riqueza cultural da Vila África. Busca trazer à tona as relações típicas de um quintal negro urbano para um espaço cultural que forneça a infraestrutura adequada. Além de fornecer uma estrutura adequada para as atividades culturais, o centro também provê um ambiente favorável para a execução de cursos profissionalizantes e outros programas que possam beneficiar diretamente a comunidade, com destaque para as mães negras que habitam no

bairro.

Por fim, o projeto do Centro Cultural Vila África busca ser um espaço onde o povo negro de Piracicaba possa performar suas práticas religiosas e culturais de forma digna, contemplando suas nuances e podendo expandir sua riqueza para toda Piracicaba, se tornando um ponto de referência para a comunidade afro-brasileira historicamente apagada na cidade.



2. TERRITÓRIOS NEGROS URBANOS

2. TERRITÓRIOS NEGROS URBANOS

Analisar a organização das cidades através de uma abordagem Interdisciplinar é fundamental para compreendermos as lógicas que moldam as estruturas urbanas. Ao destacarmos as questões raciais, percebemos que além das diretrizes econômicas, também são instrumentalizadas diretrizes raciais no ordenamento territorial, que direcionam espaços específicos para as populações negras. Tais espaços são estigmatizados e revelam como os processos urbanos ocorrem de forma a segregar. Para o exercício da profissão de arquiteto e urbanista, é fundamental olhar para as diversas narrativas urbanas e compreender suas singularidades. Portanto, é de extrema importância olhar para os espaços ocupados por pessoas negras para então pensar em uma cidade mais inclusiva, anti racista, igualitária e diversa.

Para a população negra,

a coletividade se reflete na forma de ocupação de seus terrenos, quintais, bairros e ruas. Portanto, compreender as relações desenvolvidas nesses espaços significa compreender o encontro entre espaço e identidade. Para Sodré (2019), o espaço é um resultado da forma de morar, uma forma de registro da identidade de um grupo. Nas culturas africanas, a relação com a terra atravessa a dimensão física e assume uma pluralidade de significados simbólicos e espirituais que tangem a ancestralidade e a história de um povo. O ato de existir nesses locais se torna também uma resistência material e imaterial.

Na condição de escravizado, com a separação da terra natal e a violência física e mental, é nos espaços de convivência que surge a manutenção da identidade, através da história oral, das práticas culturais e das estratégias de resistência contra o regime escravista.

É através deste espaço que o escravizado afirmava sua resistência e celebrava a ligação com sua ancestralidade, comunidade e sua história. (Rolnik, 1989).

Segundo Rolnik (1989), essas tensões raciais se manifestam no espaço, através de espaços estigmatizados através de uma construção histórica de depreciação de culturas não europeias (Mbembe, 2014), apontadas como violentas e selvagens. Estes estigmas não se limitam apenas à manifestação territorial, mas também, às vivências das mulheres e homens negro, vistas durante o pré-abolição como mecanismo produtor de mão-de-obra e também como força de trabalho, condição internalizada e normalizada ao longo dos séculos, designando os lugares mais baixos da hierarquia às pessoas negras. O negro encontra maior dificuldade para inserção e ascensão no mercado de trabalho, dificuldade pau-

tada por questões raciais e gênero interligadas (Ratts, 2006).

Quilombos, terreiros e os quintais negros, são a manifestação material da resistência da comunidade negra frente as formas de dominação e exclusão. São nesses espaços que as famílias negras reafirmam sua existência na cidade e garantem a transmissão dos conhecimentos e tradições, em uma luta constante em defesa do território, identidade e preservação da cultura. Portanto, valorizar esses locais, principalmente com um espaço arquitetônico adequado, é também valorizar e conservar a história e os direitos de um povo.

2.1 A POPULAÇÃO NEGRA EM PIRACICABA-SP

Durante a primeira metade do século XIX, Piracicaba, então chamada de Vila Nova da Constituição, teve como grande foco econômico a produção da cana-de-açúcar, na qual empregou massivamente a mão de obra escravizada para a realização dos mais variados tipos de trabalho, intensificando o deslocamento de escravizados para a região, que em 1854 representavam 22% da população local (Bassanezi, M. S. C. B. apud Motta, J. F.). Foi a partir de 1850 que o café passou a ter maior expressão na região (Marques, A. apud Motta, J. F.).

A população negra da cidade se espalhou por todo município, formando, segundo o professor e jornalista Noedi Monteiro, denomina de Corredor Vila África, que contempla locais como o “Largo da Força” (atual Praça Antônio Pádua Dutra), o córrego do Itapeva (atualmente sob a Avenida Armando

Salles de Oliveira) e a Rua da Quitanda (atual XV de Novembro) os quais seriam pontos de encontro de escravizados. Monteiro destaca também o surgimento da Vila África central no início da Rua Benjamin Constant, na atual Praça Allan Kardec, que iniciava um corredor ocupado por diversas famílias negras. Além da existência da Vila África na Vila Independência, onde famílias negras ainda hoje resistem aos avanços do mercado imobiliário, devido a centralidade do bairro, que está localizado próximo a Avenida Independência, um dos principais eixos comerciais da cidade e as vias Av. Prof. Alberto Vollet Sachs e Av. Pádua Dias, que se ligam a Rodovia Luiz de Queiroz, um dos acessos ao município.

Márcia Antônio (ano), em sua entrevista, cita bairros de Piracicaba que concentram uma quantidade considerável de pessoas provenientes da Vila África, como a Comunidade Renascer, Bosque dos Lenheiros, Portelinha e Novo Horizonte. Segundo ela, há pessoas da Vila África espalhadas por toda periferia piracicabana, nas quais ela atua desenvolvendo atividades culturais de valorização e preservação da cultura afro-piracicabana.

Segundo o IBGE 2010, 27,3% da população do município se auto-declara preta ou parda. Número este que, para os moradores da Vila África, estaria aquém da real proporção de pessoas negras que realmente vivem no município, devido a grande discriminação e as formas de opressão sofridas por essa população. Portanto, em um número atualizado, representaria uma parcela maior da população.

Também, em Piracicaba,

destaca-se a atuação de coletivos como o Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Piracicaba (CONEPIR) e a Comunidade 13 de Maio, que atuam para a conquista e preservação de direitos e valorização da história negra na cidade.



Banda no 13 de maio. fonte: IFCH Unicamp

2.2 ROTA AFRO EM PIRACICABA

Vale destacar a Rota Afro de Piracicaba, que passa por pontos urbanos de relevância para a história, tradições e cultura negra no município. A caminhada é orientada pela guia de afroturismo e fundadora do projeto Rotas Afro, Julia Madeira. Com duração de três horas, o trajeto se baseia nas pesquisas do historiador Noedi Monteiro e do filósofo Antonio Filogênio de Paula Junior. O projeto percorre pelo Clube Treze de Maio, pelo Centro de Documentação, Cultura e Política Negra e monumentos que destacam a história negra em Piracicaba. Resgata no tour pontos como o Pelourinho, na praça José Bonifácio e locais de festejo na rua Santa Cruz onde houve comemorações no pós-abolição; Teatro São Pedro que abrigou bailes da população negra ou a Igreja de São Benedito, construída pela irmandade dos homens pretos. O roteiro dá destaque para personagens como o Dr. Preto, André Ferreira

Santos (1881-1942), médico negro que atuou na cidade no século XX. Aborda manifestações culturais tradicionais como o samba rural e o batuque de umbigada e contemporâneas como a Casa do Hip Hop, no Centro Cultural Paulicéia. O percurso também conta com uma versão gratuita em realidade virtual, disponível para qualquer pessoa com o equipamento necessário para usufruir da experiência. Márcia Antonio destaca, em sua entrevista, a rota afro como uma das conquistas do movimento negro na cidade para a valorização da cultura afro brasileira. A rota revive a história e as conquistas da população preta de Piracicaba ao longo dos séculos de luta e resistência.



rota afro piracicaba. fonte: Julia Madeira

2.3 QUILOMBO DO CORUMBATAÍ

Outro ponto de destaque da cidade para a história do povo preto, é no distrito de Santa Terezi-na, onde se encontra hoje o Parque Histórico do Quilombo Corumbataí. Trata-se de um remanescente de quilombo urbano, sendo um dos mais relevantes do país, segundo Noedi Monteiro. Atualmente o parque conta com equipamentos para lazer e prática de atividades físicas, mas o local já foi palco de umas das mais notáveis resistências negras no interior de São Paulo. Fundado em 1750, o Quilombo chegou a ter uma população superior a 5 mil moradores, até ser destruído em 1801 por ordens do Sargento mor Carlos Botelho.

O quilombo se localizava próximo à confluência dos rios Corumbataí e Piracicaba, sendo con-

siderado o marco zero da sesmaria do Corumbataí. Em 2009 a praça no local passou a ser chamada de “Parque Histórico Quilombo Corumbataí”, pelo projeto de lei municipal 295/2009.

Segundo Antonio Filogênio, o local contava com a presença de escravizados de origem Bantu, de regiões do atual Congo e Angola. A organização do quilombo era comunitária e democrática, recebendo não apenas negros, mas indígenas e brancos. O quilombo se tornou alvo do governo devido a importância do local para o trajeto para Minas Gerais e a suspeita do garimpo de ouro na região.



Fonte: blog Da Janela



fonte: Revista digital canal da Lili

2.4 SOCIEDADE BENEFICENTE 13 DE MAIO

Fundada em 1901 em Piracicaba, era inicialmente denominada Sociedade Beneficente Antonio Bento e foi renomeada em 1908. Sendo o principal clube negro no município, o 13 de Maio tem um papel relevante nas lutas do povo preto, atuando em diversas frentes pela luta de direitos, valorização e bem-estar da população negra na cidade. Além da comemoração da Abolição, a sociedade oferecia serviços médicos, farmacêuticos, assistência jurídica e financeira aos sócios. Fornecia espaços culturais, esportivos e de lazer. Com enormes dificuldades financeiras, o clube chegou a ser fechado em 1914, sendo reaberto em 1921, só voltando a ter sede própria em 1948. A partir de 1935 passou a prover acesso à educação através da escola noturna e a criação de um jardim de infância e escolas de educação doméstica.

Os membros do clube or-

ganizavam bailes, jantares e comemorações, sendo um momento de manifestação cultural do povo negro, no qual se dançava, festejava e desenvolviam relações de amizade e companheirismo, em um ambiente familiar de extrema importância para a articulação e consolidação do movimento negro piracicabano.

Atualmente a sede do clube, localizada na rua 13 de Maio, se encontra em estado de abandono e com dificuldades devido a gestão, mesmo com o tombamento municipal pelo Codepac como Patrimônio Histórico e Cultural de Piracicaba, segundo Márcia Antonio.



13 de Maio em Piracicaba. fonte: portal geledés



Jazz-band - baile "Malandro", 10 de novembro de 1934. fonte: IFCH Unicamp



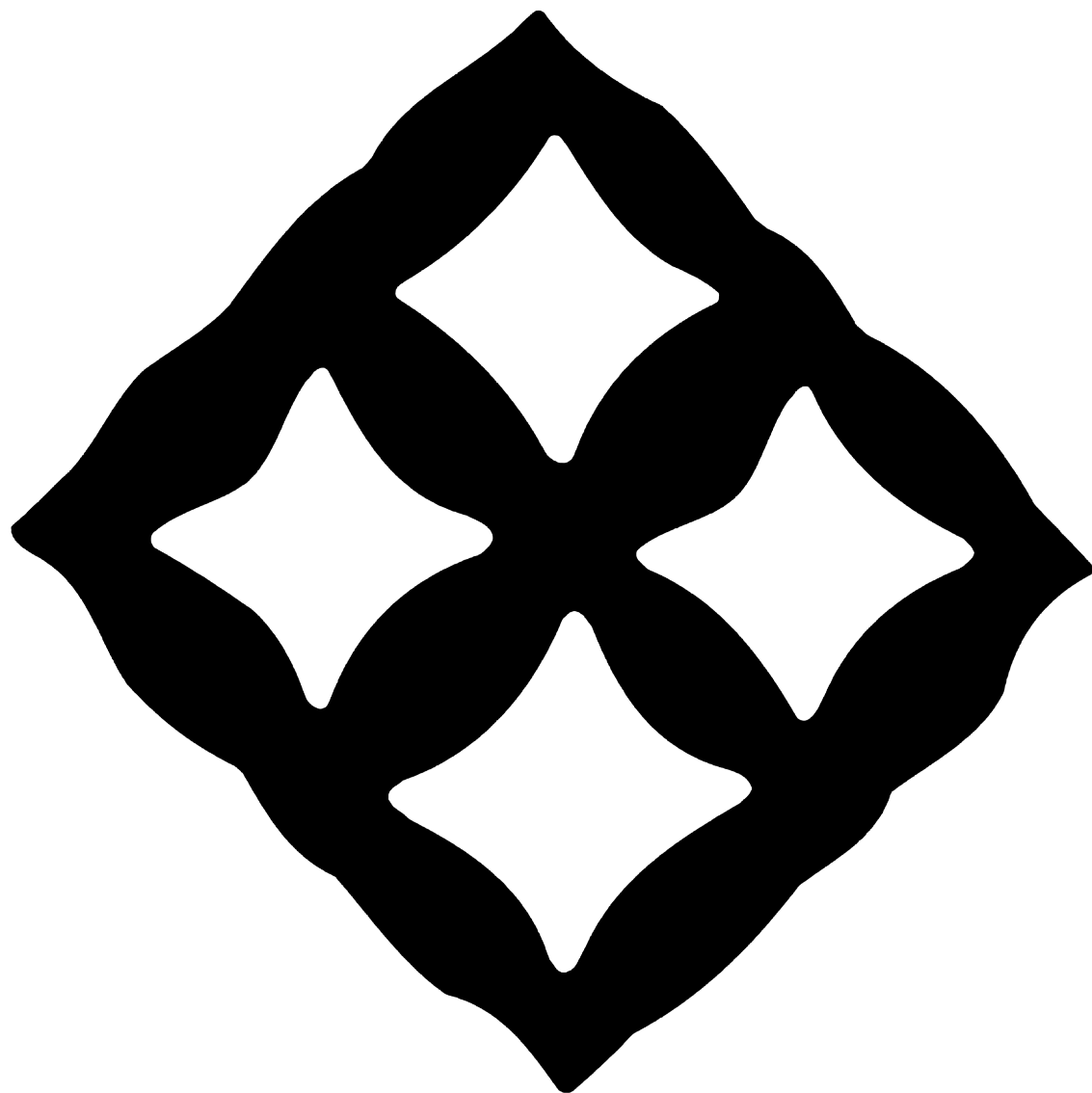
Baile no 13 de maio. fonte: IFCH Unicamp



coroação da miss 13 de maio - 1986. fonte: IFCH Unicamp



coroação da miss pérola negra - 1969. fonte: IFCH Unicamp



3. VILA ÁFRICA

3. VILA ÁFRICA

A Vila África é o nome dado a uma comunidade localizada dentro do bairro Vila Independência, um bairro residencial e comercial em Piracicaba- São Paulo. Delimitado pela Avenida Pádua Dias, Avenida Independência, Avenida Profº Alberto Vollet Sachs e Avenida Carlos Martins Sodero, o bairro está localizado em uma área privilegiada da cidade, que conta com infraestrutura de comércio, saúde e educação, com acesso rápido às principais vias do município. Márcia destaca o caráter elitista do bairro e a intensa gentrificação, além da luta das famílias negras para resistir aos avanços do mercado imobiliário.



batuque na Vila África. fonte: Instagram Vila África



fonte: Instagram Vila África

Vale destacar que, apesar da considerável presença negra na Vila Independência, o bairro ainda é fortemente ocupado pela elite branca do município, que se concentra em condomínios verticalizados e nas zonas mais abastadas, o que gerou tensões raciais ao longo das décadas, principalmente ao que se refere às manifestações culturais e religiosas da comunidade Vila África, que ainda hoje enfrentam ataques, preconceito e intolerância de diversas frentes. Márcia destaca a dificuldade da realização de atividades culturais e religiosas no Centro Cultural Faé, devido ao incômodo dos condomínios próximos, à presença da polícia militar e a dificuldade burocrática de regularizar o terreno para que se possa usufruir completamente do espaço.

A Vila África se caracteriza como um território negro urbano por concentrar famílias negras que em suas casas, quintais e ruas preservam e transmitem suas culturas, costumes, crenças e saberes, que vem resistindo através das décadas. Para Marcinha, a Vila África atrai pessoas negras de todo o município, sendo um polo de celebração, encontro e quilombamento, que muitas vezes acontecem em frente aos lotes do bairro.

Apesar de ainda incerta a origem exata da Vila África, Márcia destaca a existência de famílias negras na região desde pelo menos 1950, quando seus avós adquiriram o terreno através do trabalho para os proprietários. Segundo ela, sua família (Antonio) foi a primeira a chegar na região, com seus avós Vicência de Jesus Antonio e João de Baptista Antonio. No local também se instalaram outras cinco famílias que constituíram matrimônio entre

si e ao longo dos anos consolidou um dos principais quilombos urbanos em Piracicaba.



fonte: Instagram Vila África

O nome Vila África surgiu de forma pejorativa para nomear o time de futebol do bairro, que contava com a participação dos homens e seus familiares, esposas e filhos que iam torcer nas partidas. Segundo Márcia, como a grande maioria dos jogadores eram negros, com a exceção de um branco, se popularizou o nome Vila África, como forma de depreciação e vergonha. No entanto, com o passar das décadas, o nome foi reapropriado pelos moradores como sinal de orgulho e valorização da identidade afro-brasileira. Porém ainda causa controvérsia, principalmente entre os moradores mais velhos do bairro, que devido ao preconceito e dificuldades enfrentadas em suas trajetórias, ainda rejeitam o nome e preferem o nome Vila Independência.



fonte: Instagram Vila África

(...)A gente tem um novo sentido, uma nova forma de ver a Vila África, porque até então ninguém morava lá e esse processo começa com o time de futebol que eram todos negros e como ganharam uniforme, era vermelho e como você subentende, precisa nem falar né? Era apenas um branco e aqueles bando de pretos vestidos de vermelho, que se tem a conotação de Saci, de todos os restos, algo bem negativo. E aí, o meu tio como técnico desse time e que saia dois ônibus. Na verdade, eram dois ônibus, que um de jogadores e outro das mulheres, dos familiares, que era a torcida que acompanhava, as nossas famílias eram bem presente em todas esses anos e manifestações, e aí o que acontecia: a gente era muito negativo pras pessoas falarem "ah, lá da vila África", então a gente falava assim "a gente não mora na vila África, é no quarteirão da frente, não é o quarteirão da frente, é o outro". Então a gente tinha esse intuito que é o quarteirão da frente, nunca o nosso, então a gente não gostava e muito dos mais velhos também não tinham esse contexto de que Vila África era bom porque a gente não tinha um feedback positivo, algo de auto estima(...)

(Antonio, M, 2022 em entrevista ao autor)

Márcia, desde sua infância (década de 1970), tem memórias das reuniões da comunidade para cantar, tocar e dançar, realizando festas no antigo terreiro do bairro, hoje ocupado para a ampliação da Avenida Prof Alberto Vollet Sachs. Brincadeiras como esconde-esconde e queimada eram comuns nas ruas da comunidade, além da proximidade com o rio, atualmente canalizado, no qual as crianças nadavam. Esses terreiros próximos a casa da família eram considerados seu quintal, onde cultivavam alimento e criavam animais. Após a ampliação, as manifestações passaram a se concentrar na própria rua ou dentro do terreno das famílias.

No terreno da família Antonio há um conjunto de sete casas com diversas técnicas construtivas aplicadas ao longo das décadas. Mas destaca-se o uso de materiais como madeira e saibro. A primeira

casa foi edificada em alvenaria em um processo de autoconstrução. O terreno da família passou por diversas transformações e adaptações para poder comportar o crescimento familiar e de agregados. Atualmente, habitam nesse terreno cerca de quinze pessoas. Muitos também se mudaram para outras regiões da cidade, principalmente para habitações populares nas periferias de Piracicaba. A Vila África ainda hoje é um ponto de reencontro e união destes membros de outros bairros. Se destaca nas manifestações culturais da Vila África a capoeira, batuque de umbigada entre outros. Márcia em sua entrevista destaca a espontaneidade dessas atividades.



fonte: Instagram Vila África

“O que é Vila África? Vila África é uma comunidade que tem vários negros, vários terrenos e ai eles se casam entre eles e ai surge várias famílias que ali mesmo se tornam a comunidade. O que que acontece? Muitos dos nossos foram para as habitações, né? Pra casinhas de periferia, ou até mesmo apropriação de alguns terrenos para a sobrevivências, porque a família cresce e não cabe mais ninguém então eles buscam alternativas, então eles estão por todas as periferias, aqui a gente tem a comunidade renascer, portelinha, bosque do lenheiro, então estão todos lá. E na Vila África ficou somente a raiz e os nossos mais velhos e quando acontece os eventos principais dentro da comunidade a gente se torna ali de volta, todo mundo volta quando evento acontece, é como fosse uma terra mãe, a gente se encontra. Então é criança, todas as idades, evangélicos, não tem isso, a gente consegue fazer toda essa junção familiar em que a gente aprendeu quando criança”. (Antonio, M, 2022 em entrevista ao autor)



fonte: Instagram Vila África

Em 2020, foi conquistado pela comunidade o Centro Cultural e Social Rafael Baptista Antônio, em homenagem ao tio de Márcia, figura de liderança no bairro e que está localizado distante do núcleo Vila África, onde se encontra o terreno ocupado pela família e um lote adjacente, que vem sendo alvo de reivindicação por parte dos moradores como patrimônio negro local.



imagens do autor

MARCINHA VILA ÁFRICA

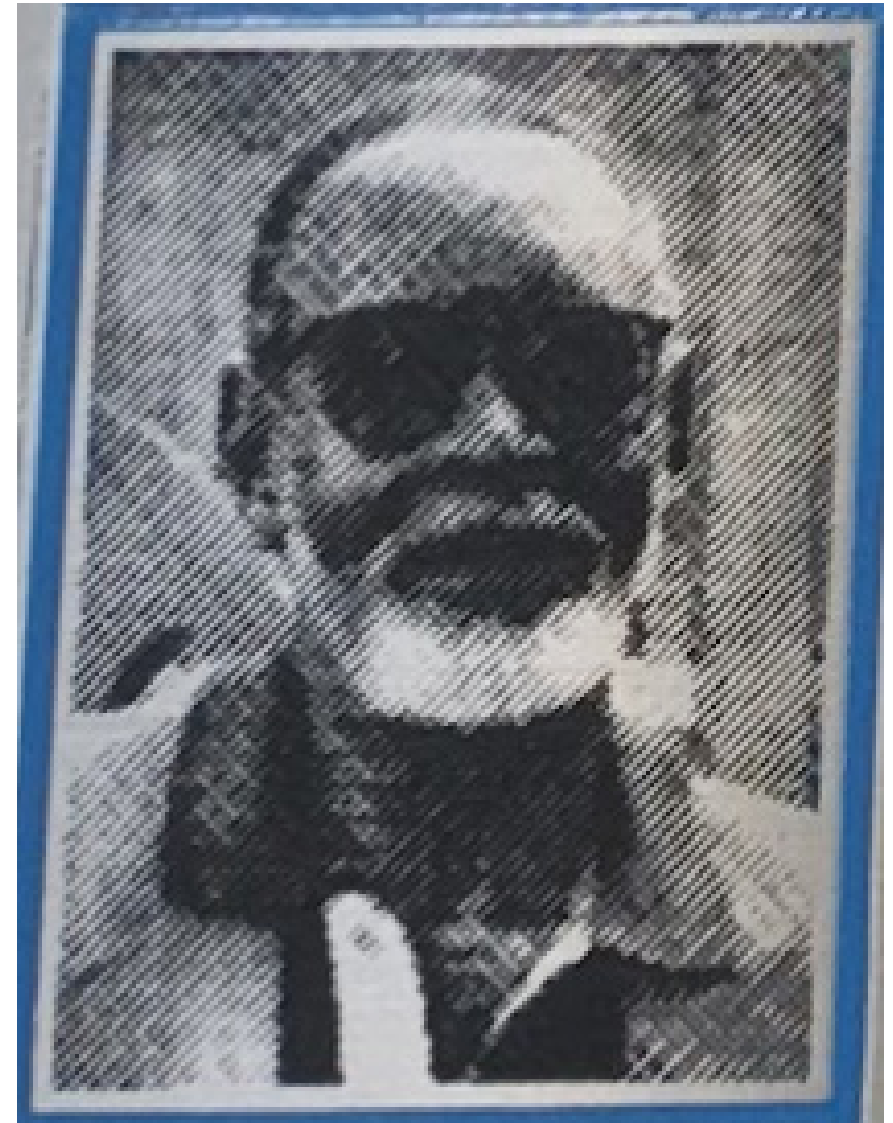


fonte: Marcinha Vila África

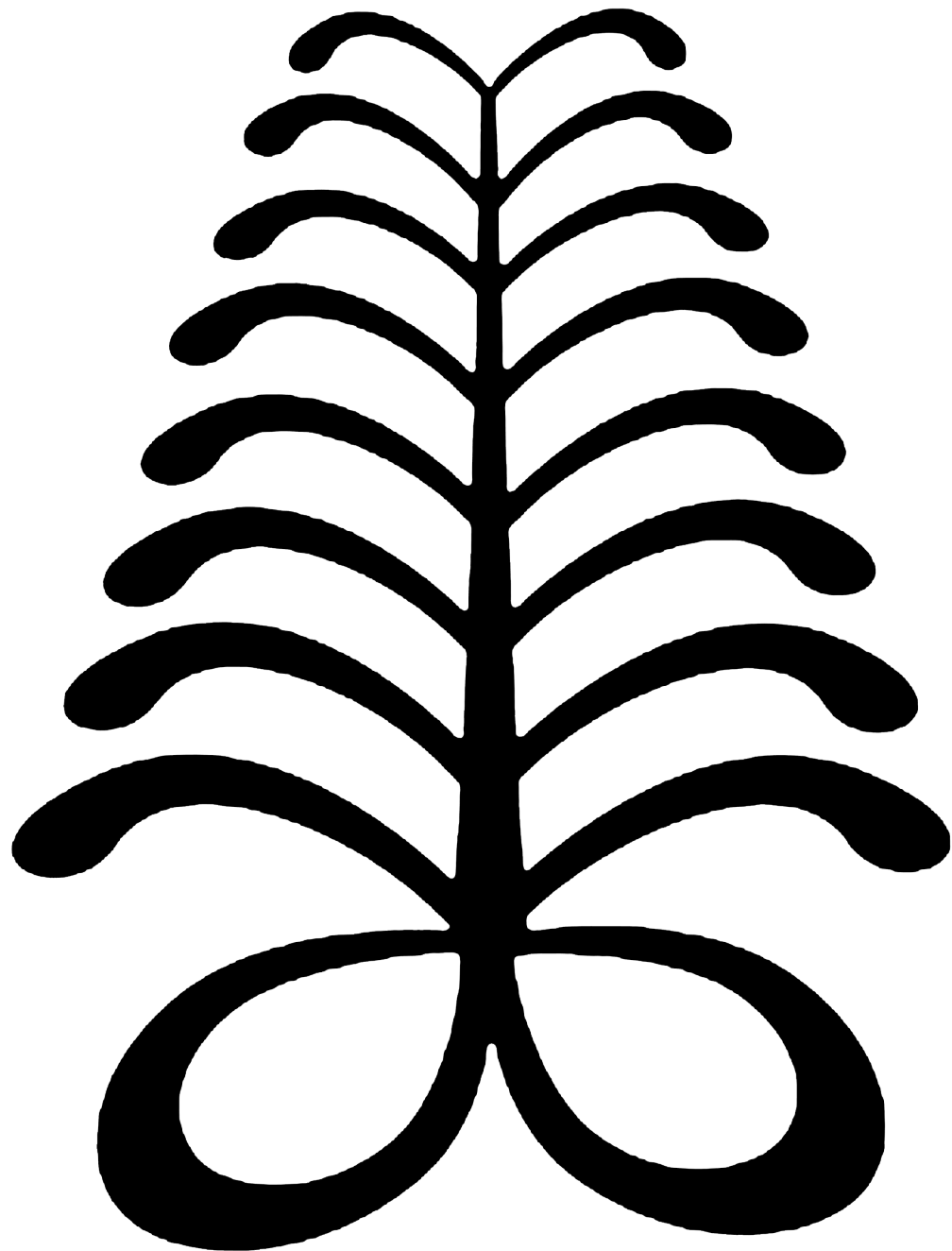
Márcia Antônio é membro da Comunidade da Vila África. Dançarina, pesquisadora e professora de danças africanas e afro-brasileiras, articuladora e ativista cultural. Formada em Educação Física e Pedagogia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) dá aulas de capoeira e ritmos brasileiros. Dedica parte de sua vida à valorização e reconhecimento da cultura afro-brasileira em Piracicaba. Márcia foi criada por seus avós e mãe. Quando questionada sobre onde aprendeu a dançar, ela diz saber desde criança, aprendendo com aqueles com quem ela cresceu. Atua fortemente pelas escolas e comunidades de Piracicaba na disseminação da cultura afro-brasileira. Levou sua paixão pelas danças africanas para dentro da sua profissão, ensinando sua arte nas escolas nas quais trabalhou. Após o falecimento de seu tio, ela assume a liderança do projeto de valorização do patrimônio cultural e espacial da Vila África.

RAFAEL BAPTISTA ANTONIO, O FAÉ

Nasceu em Piracicaba em 4 de novembro de 1950. Filho de João Baptista e de Vivência de Jesus Antonio. Foi uma grande liderança da Vila Independência e trabalhou para a valorização da história e cultura negra em Piracicaba. Foi vice-presidente da Associação Esportiva e Cultural Vila África e artesão. Também foi presidente e fundador do Centro Comunitário do Jardim Brasília e conselheiro do Conepir (Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra). Atuou como enfermeiro voluntário na Casa de Caridade Dr. Walfrido, em Tupi, também foi o realizador da festa das Crianças na E.E. Professora Jacanã Altair Pereira Guerrini. Faé faleceu em 13 de Julho de 2017, sendo rememorado como uma das principais figuras de liderança do movimento negro de Piracicaba.



fonte: Imagem retirada do
centro cultural e social faé



4. LEITURA DO TERRITÓRIO

4. LEITURA DO TERRITÓRIO

Piracicaba é um município no sudeste do Estado de São Paulo, a 162 km da capital. Com aproximadamente 400 mil habitantes, a cidade é referência no setor agroindustrial, se consolidando na área de produção de cana-de-açúcar e seus derivados

A cidade conta com um parque industrial diversificado, com indústrias de grande porte dos setores sucroalcooleiro, alimentício, têxtil, metalomecânica, com destaque para empresas internacionais como Hyundai e Carterpillar. Também é sede da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz (ESALQ) e da Faculdade de Odontologia da UNICAMP (FOP), o que a tornou um polo tecnocientífico.

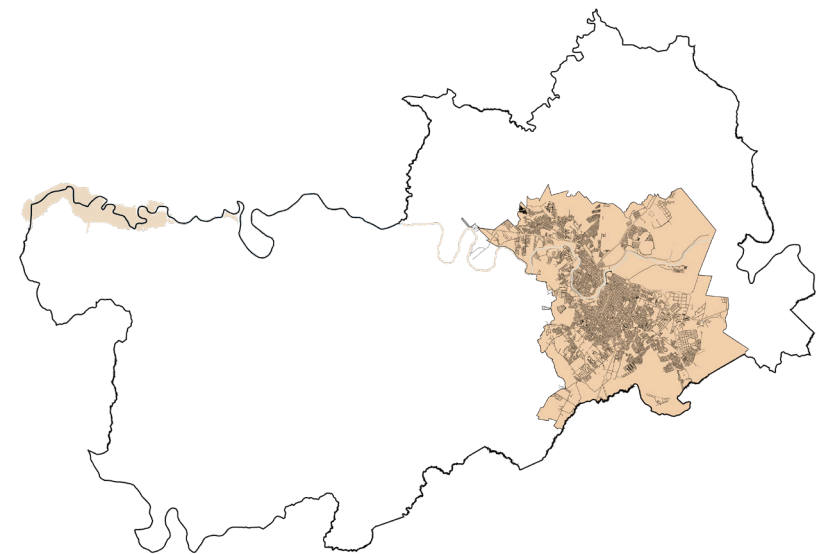


Piracicaba no estado de São Paulo - produzido pelo autor

Piracicaba integra desde 24 de agosto de 2021 a Região Metropolitana de Piracicaba (RMP), Composta por 24 municípios. A RMP tem participação de 3,42% do PIB estadual.

A cidade possui clima tropical de altitude, com temperatura média anual de 23,9°, com vegetação dominante de mata atlântica.

Se situa na bacia do Rio Piracicaba, com uma extensão de mais de 12.000km². O Piracicaba percorre 250km de sua nascente até a foz, no rio Tietê.



Malha urbana de Piracicaba - produzido pelo autor

O rio Piracicaba é de extrema importância para a origem e consolidação da cidade. É a partir dele que se registram os primeiros assentamentos e a expansão do que viria a ser um dos mais importantes municípios do interior paulista.

Foi em 1766 que o Capitão Antônio Corrêa Barbosa ficou encarregado de fundar uma povoação na foz do rio Piracicaba. No entanto este optou por se fixar a 90km da foz, um local habitado pelos índios Paiaguás. Este povoado seria um ponto para parada das embarcações que desciam o rio Tietê. Oficialmente o povoado de Piracicaba foi fundado em 1º de agosto de 1767. Em 1774, a povoação se tornou uma Freguesia, com aproximadamente 230 habitantes.

Na próxima década Piracicaba se transferiu para a margem esquerda do rio, onde os terrenos eram mais favoráveis a sua expansão, o que ocasionou em disputa de terras.

Em 1821 foi elevada a Vila, se chamando Vila Nova da Constituição. A partir de então se deu períodos de expansão ligados a produção de cana-de-açúcar e a expansão do uso do álcool e da vinda de empresas transnacionais para a cidade no século XX.

Em 1901 com a fundação da Escola Superior de Agroicultura “Luiz de Queiroz”, através da doação de Luiz Vicente de Souza Queiroz da Fazenda São João da Montanha ao governo do Estado de São Paulo, Piracicaba se tornou também um polo tecnológico de pesquisa no interior de São Paulo.



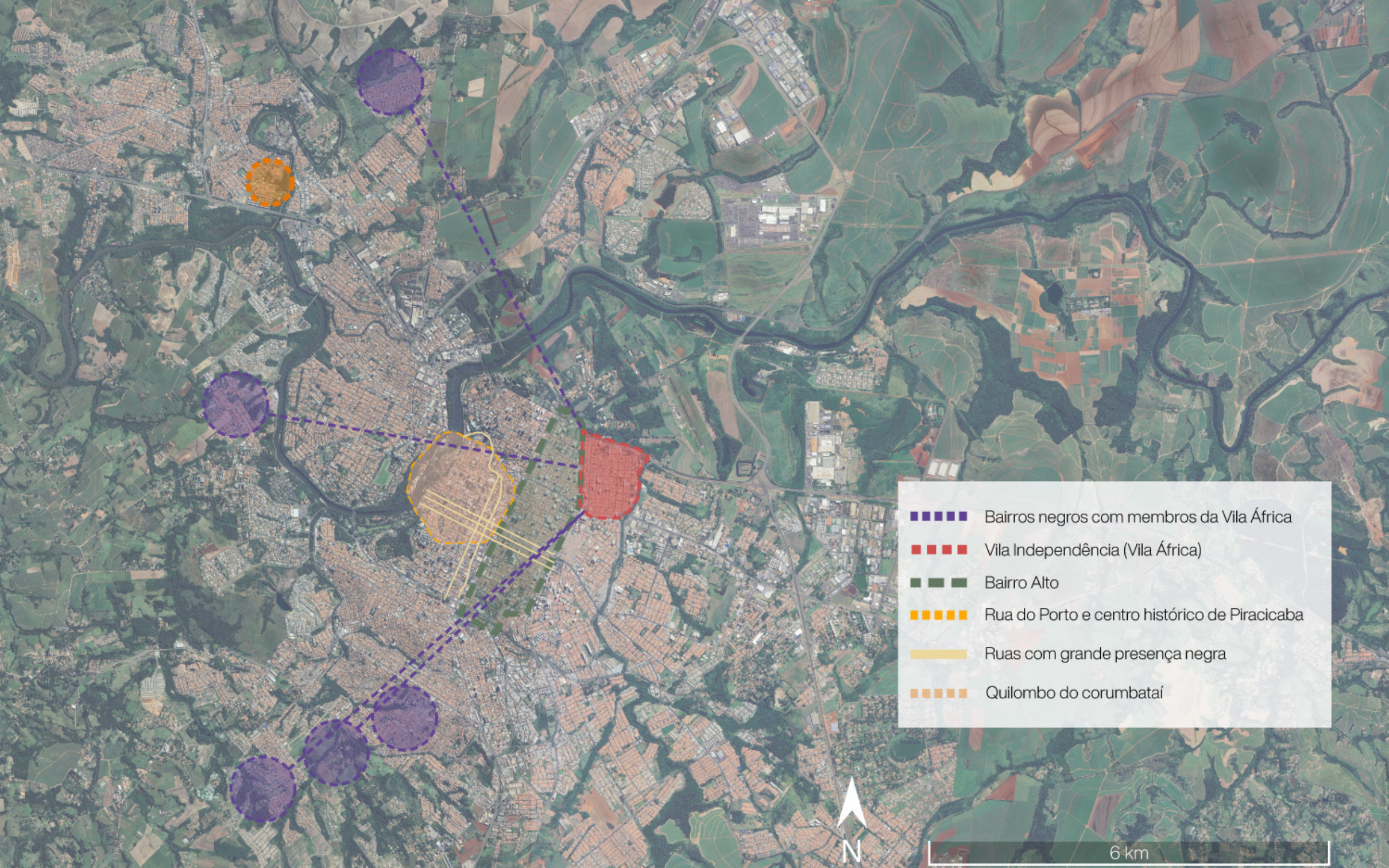
malha urbana de piracicaba - 1940



1940 - 1970



1970 - 2010



- ■ ■ ■ Bairros negros com membros da Vila África
- ■ ■ ■ Vila Independência (Vila África)
- ■ ■ ■ Bairro Alto
- ■ ■ ■ Rua do Porto e centro histórico de Piracicaba
- ■ ■ ■ Ruas com grande presença negra
- ■ ■ ■ Quilombo do corumbataí



6 km

4.1 VILA INDEPENDÊNCIA

O bairro Vila Independência é hoje um dos principais bairros da cidade de Piracicaba. Contornada por quatro avenidas importantes para o fluxo urbano de Piracicaba, com destaque para a Avenida Independência, um dos principais eixos comerciais da cidade, além de contar com acesso rápido a entrada da cidade a partir a Rodovia Luiz de Queiroz. O bairro passou nas últimas décadas por um processo de gentrificação, com a construção de condomínios.

Desde meados da década de 1950 há registros de moradores negros no Bairro. Que hoje representam uma singela parcela dos moradores, que migraram para bairros da periferia de Piracicaba, como Portelinha, Novo Horizonte e Bosque dos lenheiros.

Essas famílias, assentadas no lado Leste da Vila Independência se aproveitaram da baixa ocupação do bairro e utilizaram, por décadas, da região como uma extensão do quintal. Estabeleceram uma forte relação com o entorno e com o cór-

rego próximo do bairro.





Centro Cultural Faé, Fonte: Nicelocal



No entanto, com o avanço da malha urbana de Piracicaba, as áreas de várzea foram sendo ocupadas. Com a falta de um espaço adequado, as reuniões se voltaram para as ruas e para os quintais das famílias. Até que em 2020 foi conquistado o Centro Cultural e Social “Rafael Baptista Antônio - Faé”.

Apesar de representar uma grande conquista para os moradores, o espaço ainda é muito limitado e não atende as atividades e aos desejos da população do bairro.



A região da Vila África se trata de uma área residencial ainda pouco verticalizada.

O tráfego interno do bairro é calmo e os usos não são diversificados, se restringindo a habitações e comércio, carecendo de um equipamento cultural que atenda a região.

Apesar disso, o bairro tem acesso rápido a região central e a avenidas importantes para o comércio e lazer na cidade.





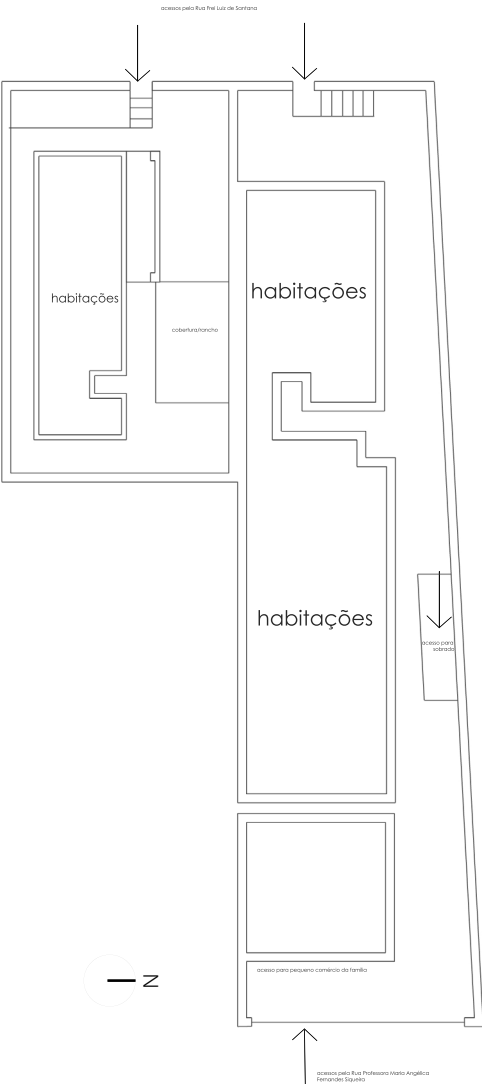
mapas produzidos pelo autor



4.1.2 CASA DA FAMÍLIA ANTONIO

Durante o desenvolvimento da iniciação científica, foi possível visitar o terreno da família Antonio e através do levantamento elaborar uma planta esquemática. Além de levantamento fotográfico das tipologias.

O terreno atualmente comporta vários núcleos familiares dentro de um mesmo lote, onde compartilham o espaço de residência. É na frente dessas casas que atividades culturais são desenvolvidas pelos moradores.



imagens da visita ao local

4.2 TERRENO ESCOLHIDO

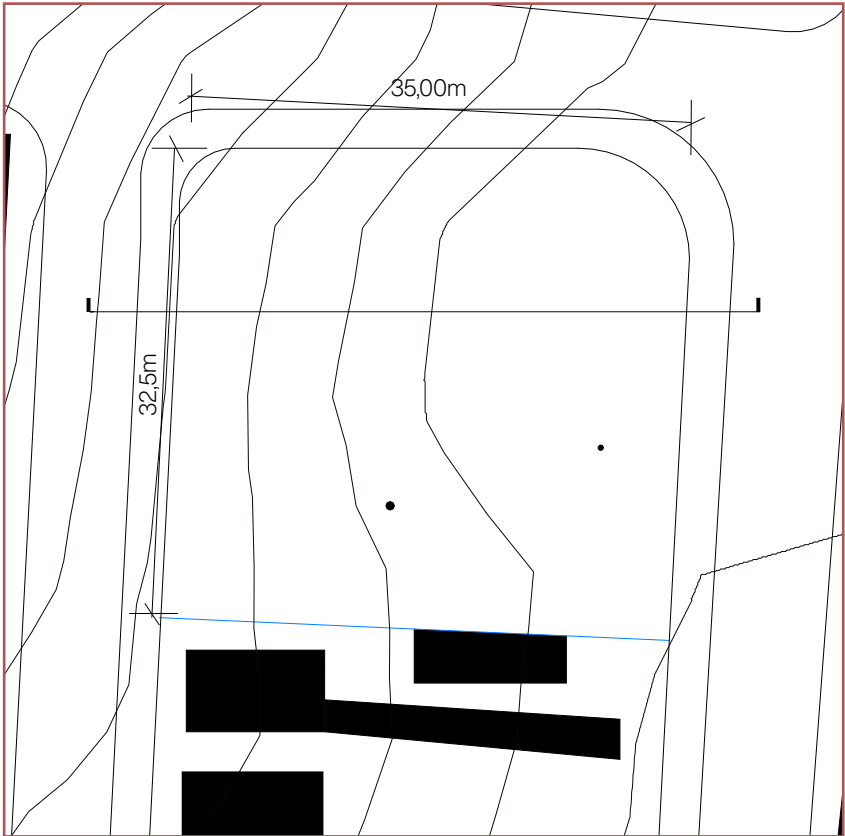
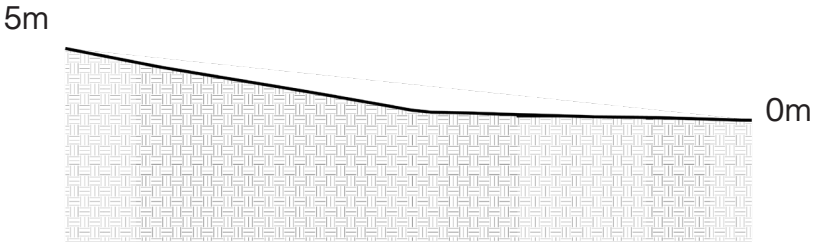
O terreno escolhido está situado ao lado do lar da família Antonio, e tem forte valor simbólico por se tratar de um local utilizado pela família para encontros e confraternizações da comunidade e que vem sendo reivindicado como espaço da comunidade.

Está situado na esquina entre as ruas Frei Luiz de Santana, Fernando Febiliano da Costa e Profa. Maria Angélica Fernandes Siqueira.

O terreno possui uma dimensão de 35x32,5 metros e está em uma declividade de aproximadamente 5 metros.



- terreno escolhido
- terreno da família Antonio



terreno de intervenção
sem escala



4.2.1 VISITAS AO LOCAL

Para a compreensão do local de intervenção, visitamos o terreno onde foram feitos levantamentos fotográficos e métricos. Pudemos compreender o fluxo de veículos, a topografia e as relações do terreno com o seu entorno e a movimentação de pessoas. Trata-se de um bairro calmo e familiar, com relações típicas do interior de São Paulo. Onde todo mundo na vizinhança se conhece e estabelece uma relação de proximidade.



vista do terreno escolhido



vista do terreno escolhido



muro do condomínio a noroeste do projeto



muro na face norte do terreno



esquina a nordeste do projeto



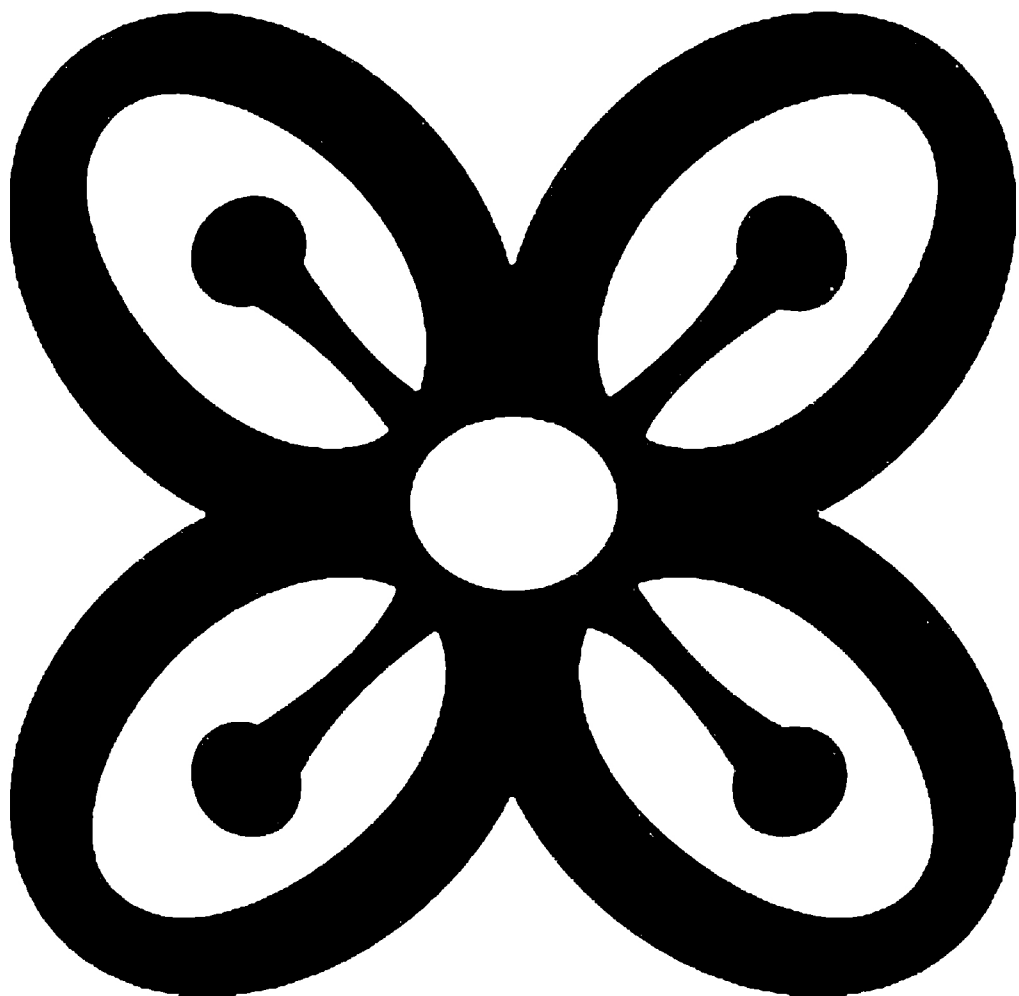
vista do terreno escolhido



muro da concessionária



bar na saída da casa da família antonio

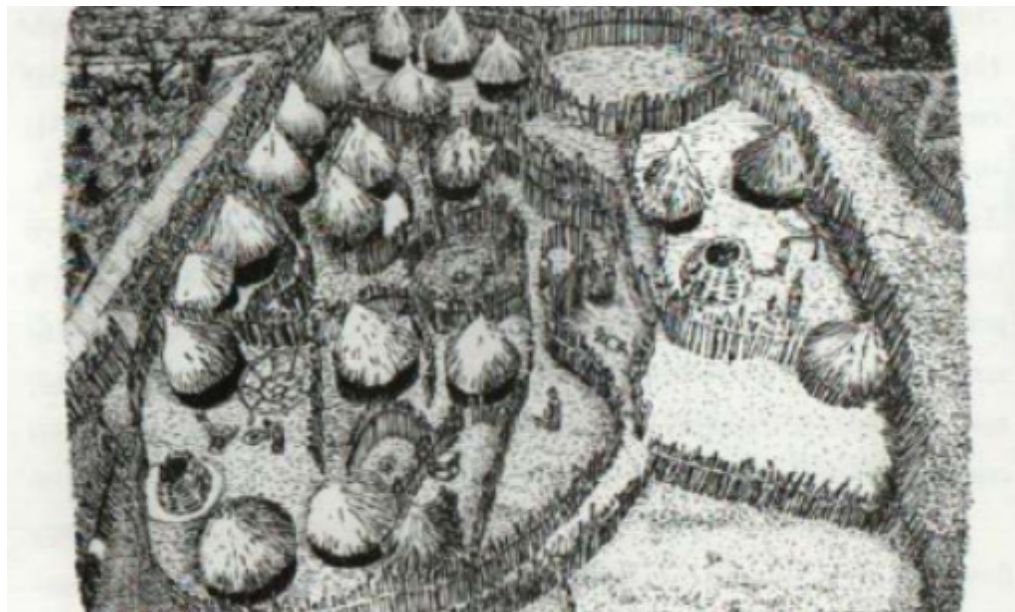


5. O PROJETO

5.1 REFERÊNCIAS PROJETOAIS

Um dos primeiros passos para o desenvolvimento do projeto foi a busca por referências de arquiteturas vernaculares africanas, com foco na arquitetura banta.

A principal fonte foi o livro Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura, de Günter Weimer. Através dele tive contato com a organização espacial de culturas africanas e o uso dos materiais da região, que estabelecem uma relação direta com o clima e as relações sociais. A forma de organização das vilas reflete diretamente as crenças e o imaterial.



tipologias bantas. Fonte: Günter Weimer



Figura 139: Tipologias de cubotzas angolanas.

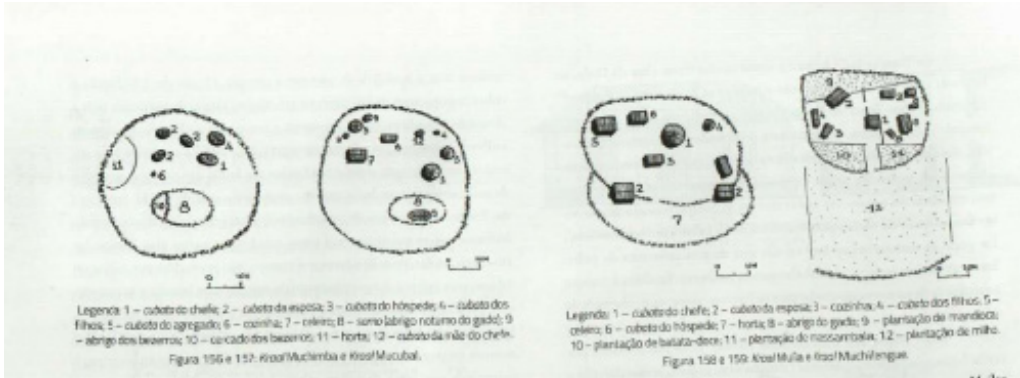


Figura 156 e 157: Kios/Muchemba e Kios/Muchibul.



CENTRO PRODUTIVO COMUNITÁRIO LAS TEJEDORAS

FUTURA ARQUITECTURA + JUAN CARLOS BAMBA

O projeto, do escritório Natura Futura Arquitectura e do arquiteto Juan Carlos Bamba, foi uma forte referência material, de técnicas construtivas e de organização do espaço, através dos fechamentos que provêm transparência e fluidez para a edificação.

Além disso, o projeto também tem um forte partido de prover um espaço de inclusão, oferecendo cursos para as mulheres da comunidade do povoado de Chongón, Equador. Com o principal objetivo de gerar um centro produtivo de integração, troca e venda de artesanato.



fonte: archdaily



LYCEE SCHORGE

KÉRÉ ARCHITECTURE

O arquiteto Francis Kéré foi uma grande referência na maneira de relacionar os materiais com a forma e as técnicas dos locais de intervenção, sempre conversando com histórias e costumes regionais.

Nesse projeto, se apropriando da ideia de vila, o arquiteto constrói um espaço que é articulado pelo entorno, proporcionando uma área de encontros informais e de eventos para a comunidade.

Levei para o meu projeto essas relações do ponto central que tensionam o edifício.



5.2 PROGRAMA

O programa projetual foi desenvolvido em conjunto com a Marcinha Vila África para compreender as carências do Centro Cultural Faé. Ela propôs uma série de ambientes que atenderiam a comunidade, provendo espaços para execução de atividades culturais, cursos profissionalizantes e lazer.

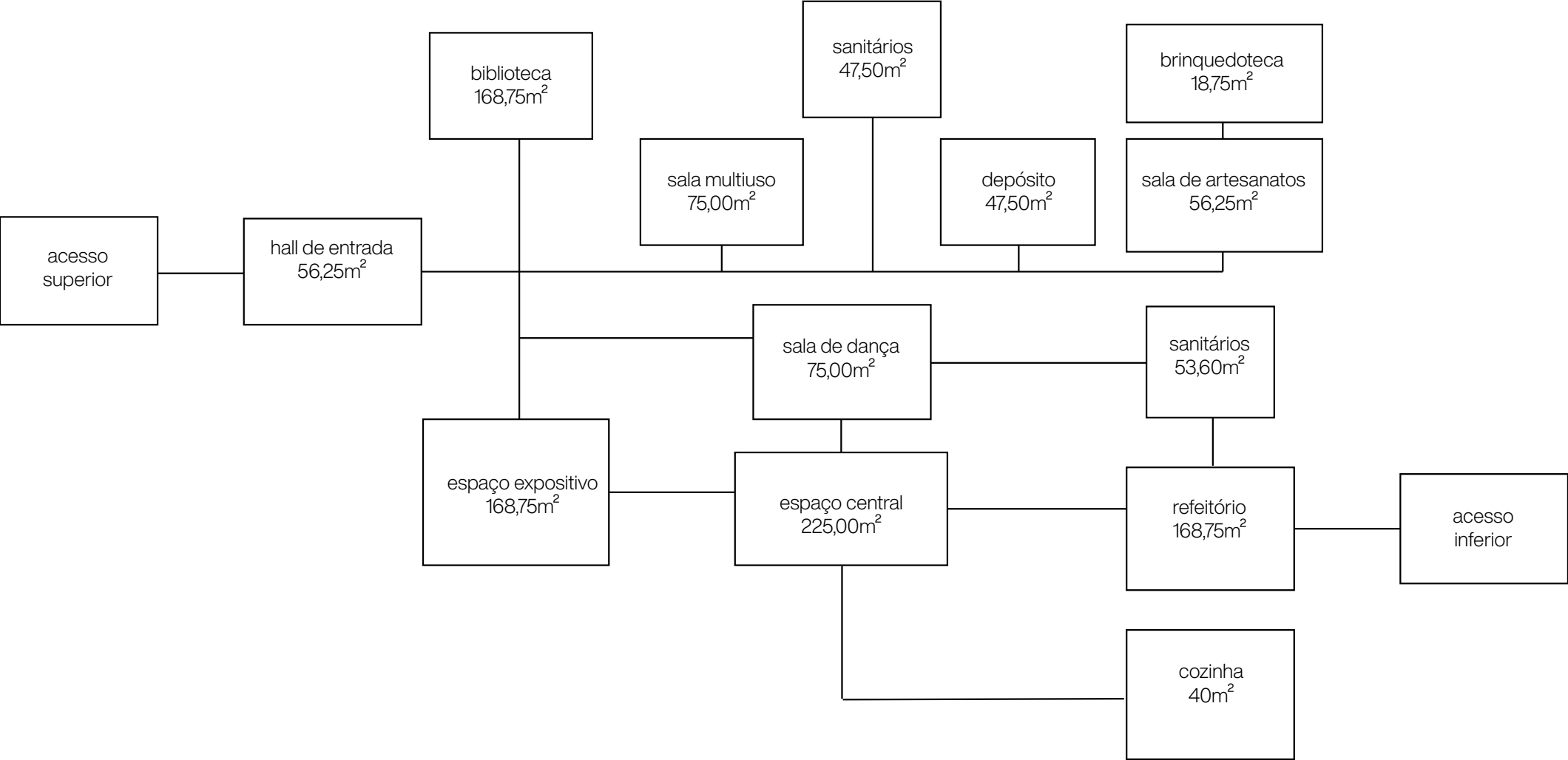
Além disso o projeto busca ser um espaço de convivência e confraternização para os moradores e para a população negra de Piracicaba.

O projeto inova ao propor um espaço voltado para a cultura negra em um dos bairros mais elitizados de Piracicaba, que é palco de uma disputa histórica para afastamento de pessoas negras.

O programa busca valorizar o coletivo e a vivência dentro da comunidade Vila África propondo espaços de confraternização e reuniões informais.

Objetivos do equipamento:

- Prover um espaço adequado para as atividades culturais como o batuque da umbigada e samba de lenço.
- Espaço para cursos profissionalizantes, principalmente para os moradores do bairro, provendo um meio de atingir a independência financeira.
- Espaço onde possa ser vendido os produtos artesanais produzidos pela comunidade.
- Espaço central como ponto focal do projeto, onde possam ser feitas rodas de danças, de conversa e momentos de reunião da comunidade
- Refeitório e cozinha para incentivar confraternizações dentro do edifício.



5.3 PROCESSO PROJETUAL

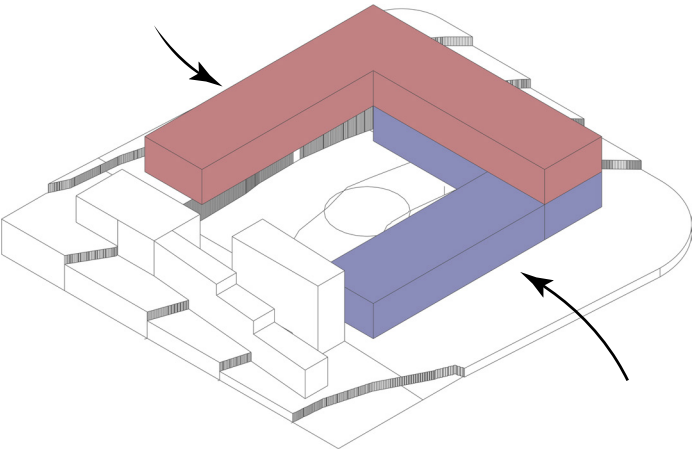
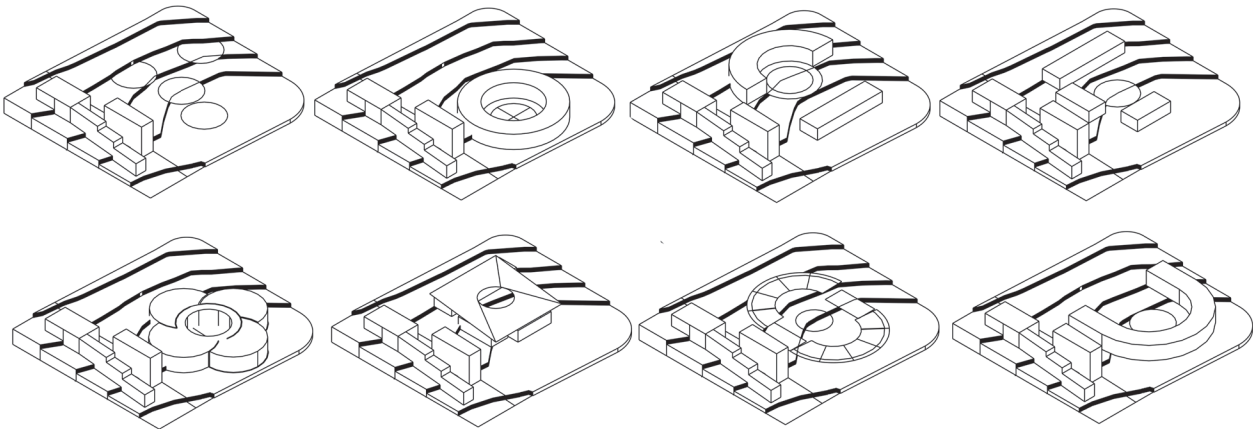
O projeto foi desenvolvido ao decorrer do primeiro semestre de 2023, com orientações semanais das Professoras Anja Pratschke e Joana D'arc de Oliveira.

Os rascunhos iniciais foram feitos através de croquis a mão e volumetrias 3D através do sketchup.

Posteriormente foi utilizado o Revit para a modelagem do projeto. Para atender as especificidades, foi necessário desenvolver famílias específicas para os fechamentos do edifício.

O partido do projeto se fundamentou na construção de um pátio central de encontros, elemento presente em todas as proposições volumétricas.

Por fim, optou-se por uma distribuição ortogonal que mantivesse esse elemento central tensionando o projeto, enquanto toma partido do desnível para criar acessos e ambientes.



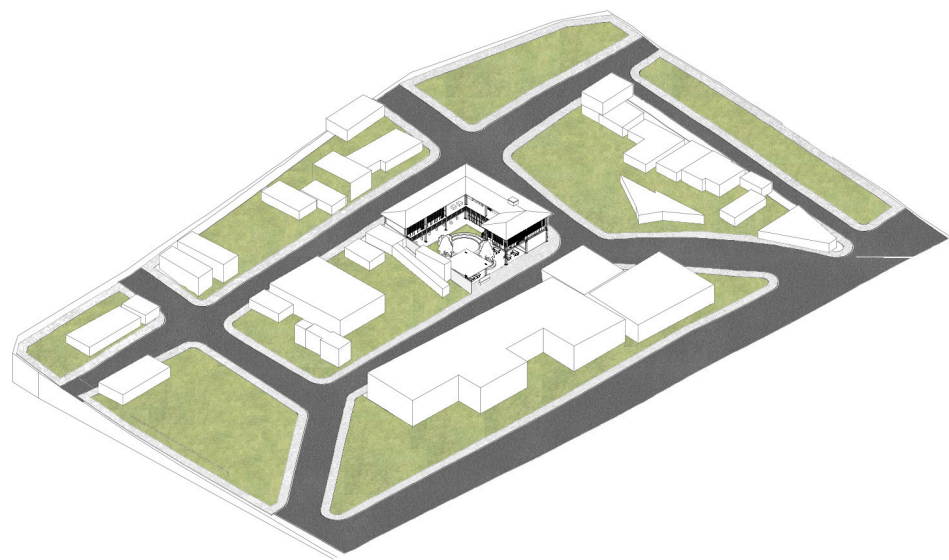


CENTRO CULTURAL
VILA ÁFRICA

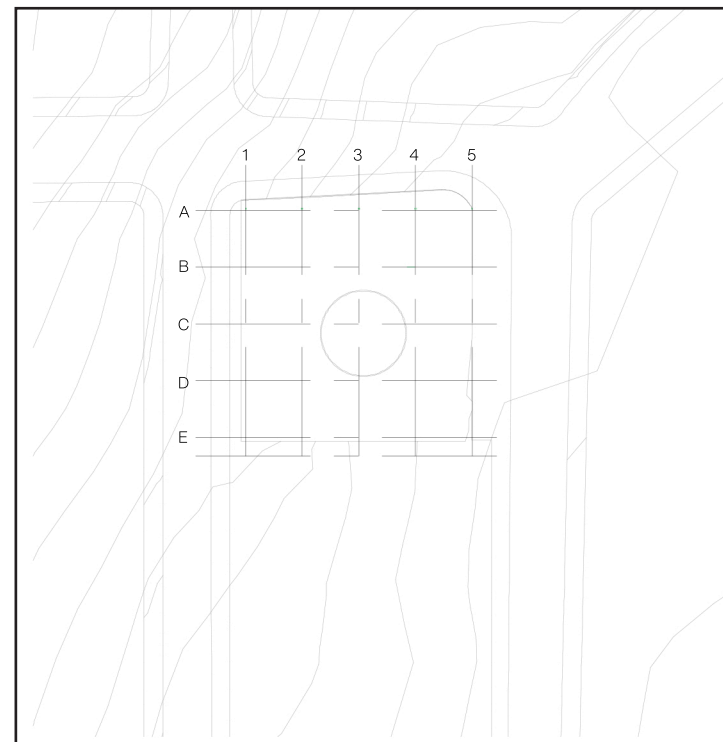


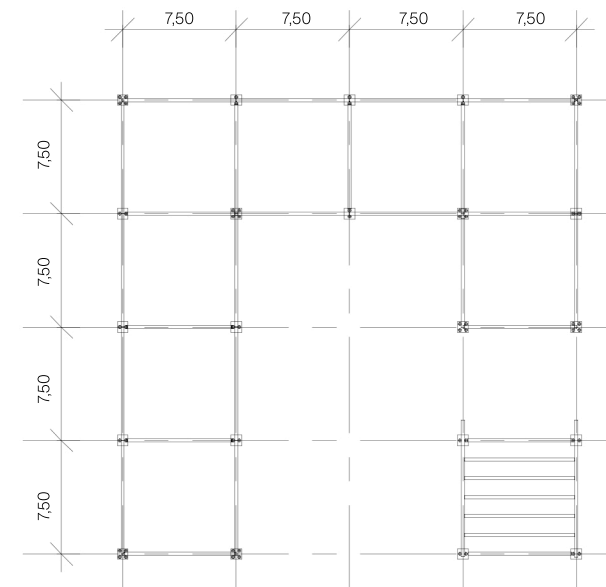
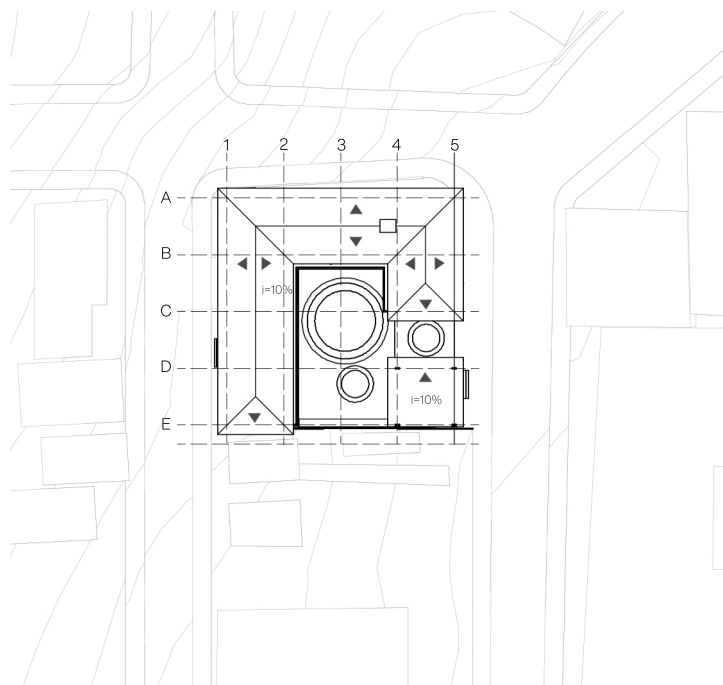
IMPLANTAÇÃO
1:1000



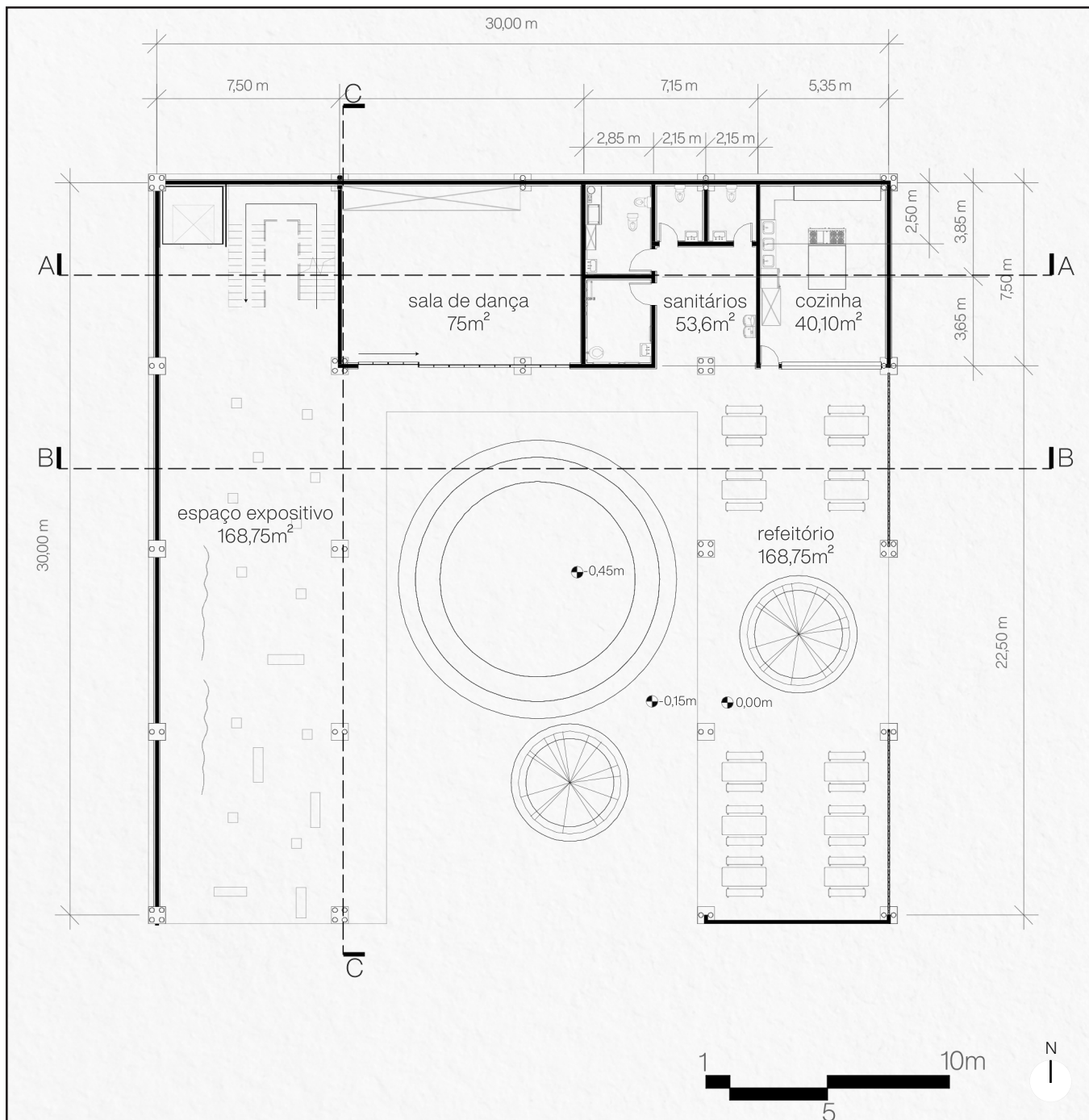


Terreno e grid estrutural
1:1000





Para o projeto foi escolhida uma malha estrutural de 7,50x7,50m. As divisões internas e a organização dos espaços foram feitas a partir das medidas estabelecidas pela estrutura.



PISO 1 1:250

Com acesso pelo Rua Prof. Alberto Vollet Sachs, o primeiro piso do edifício compreende espaços de convivência, como o espaço central, refeitório e cozinha.

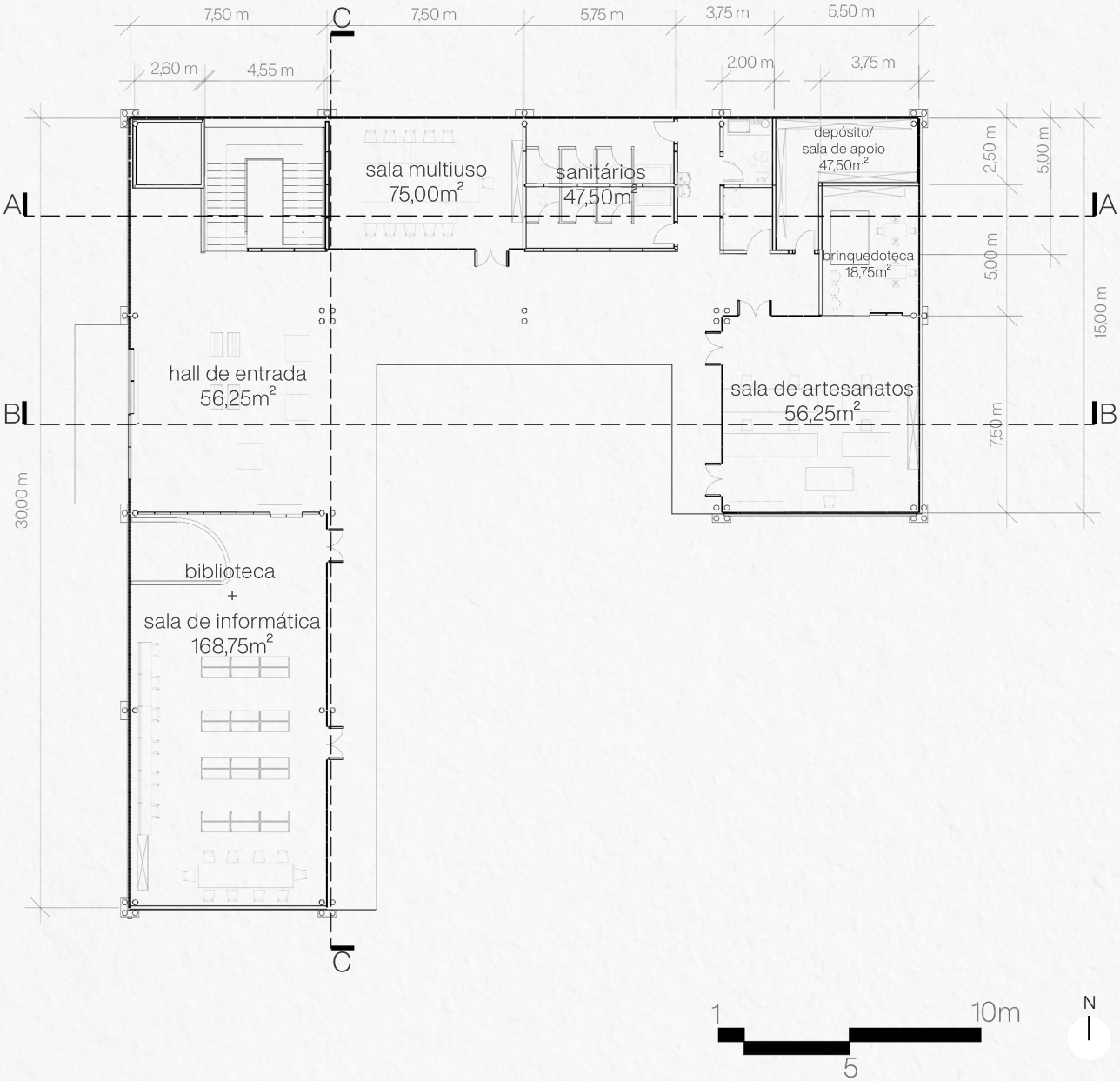
A organização dos espaços circunda o pátio central, visando incentivar as vivências no desnível, propondo um espaço de múltiplas apropriações por parte dos usuários.

A sala de dança é um espaço para aulas e manifestações espontâneas que contam com a possibilidade de se estender para o pátio central.

Além disso, o espaço expositivo busca fornecer um ambiente com dimensão educativa para a espiritualidade dos locais, expondo suas crenças e narrando as histórias da Vila África, valorizando artistas negros de Piracicaba. Além de poder comportar exposições temporárias.

Esse nível pode funcionar independentemente do segundo pavimento, focando na convivência e nas dinâmicas coletivas.

PISO 2
1:250



Com acesso pela Rua Profa. Maria Angélica Fernandes Siqueira, o segundo pavimento é focado no uso institucional, fornecendo espaços para atividades culturais, oficinas e cursos para os moradores.

O hall de entrada, além de um espaço de recepção funciona como uma área para venda dos artigos produzidos pela comunidade, provendo uma fonte de renda para os moradores.

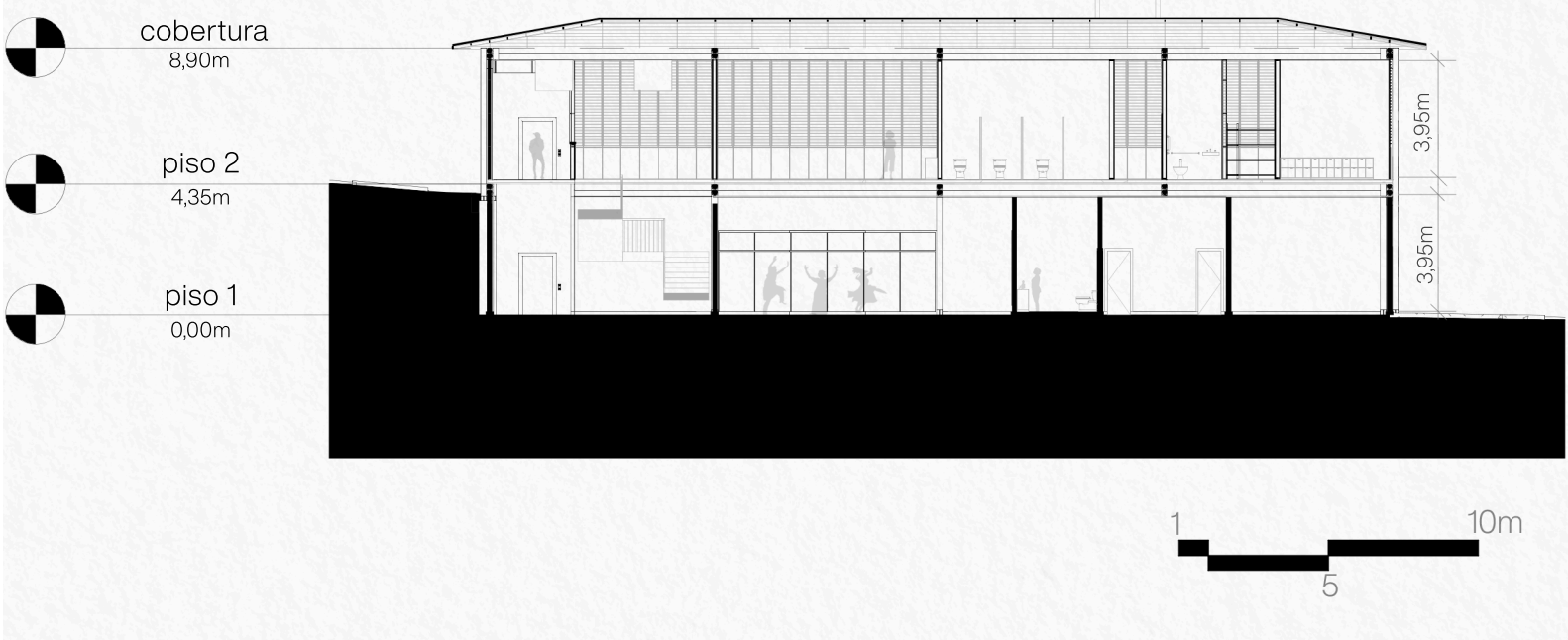
A biblioteca com sala de informática fornece um espaço que comporta bibliografias de autores negros e africanos, além de literatura para a comunidade.

A sala multiuso pode comportar reuniões das lideranças locais como também cursos e atividades com suporte de equipamento de vídeo.

Por fim, a sala de artesanatos é onde as moradoras do bairro podem aprender ofícios manuais tanto para atividade recreativa como para conseguir uma fonte de renda. Conta com o apoio de uma brinquedoteca, para maior conforto e segurança de mães que frequentam o centro cultural.

Vale destacar que ambos os pisos contam com sanitários acessíveis e de uso familiar.

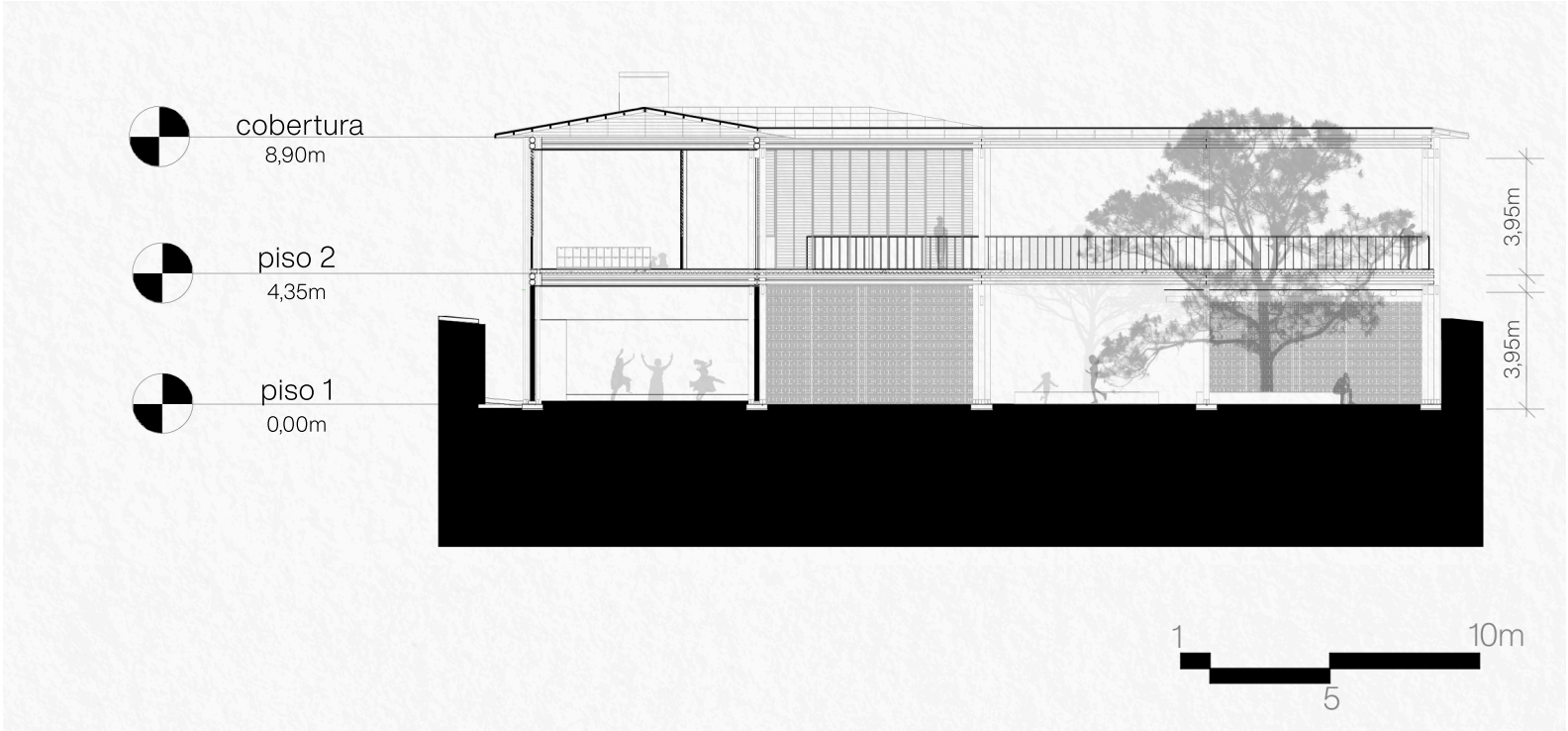
CORTE AA
1:250

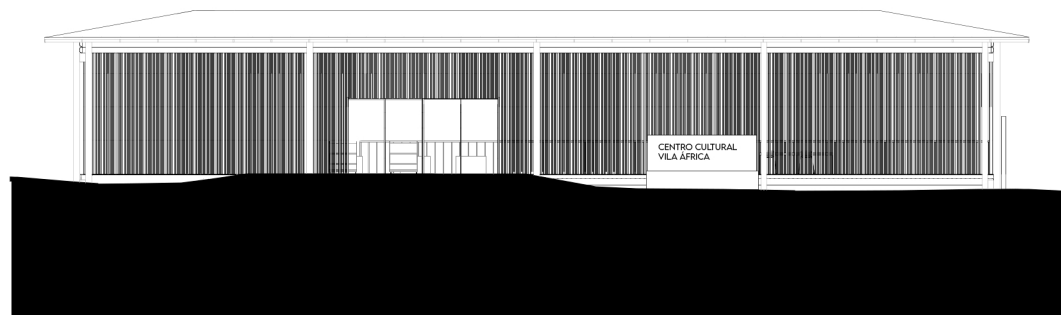


CORTE BB
1:250



CORTE CC
1:250

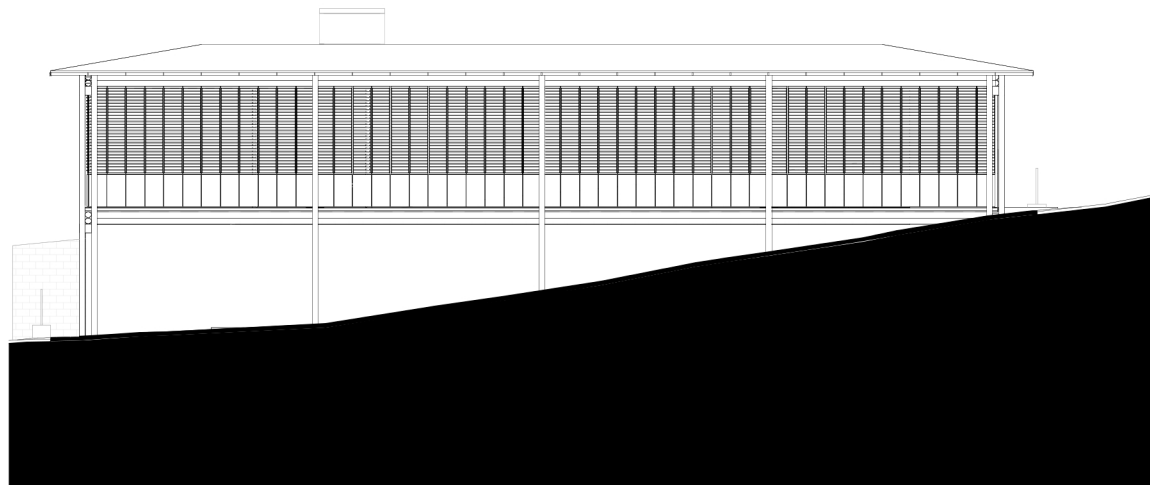




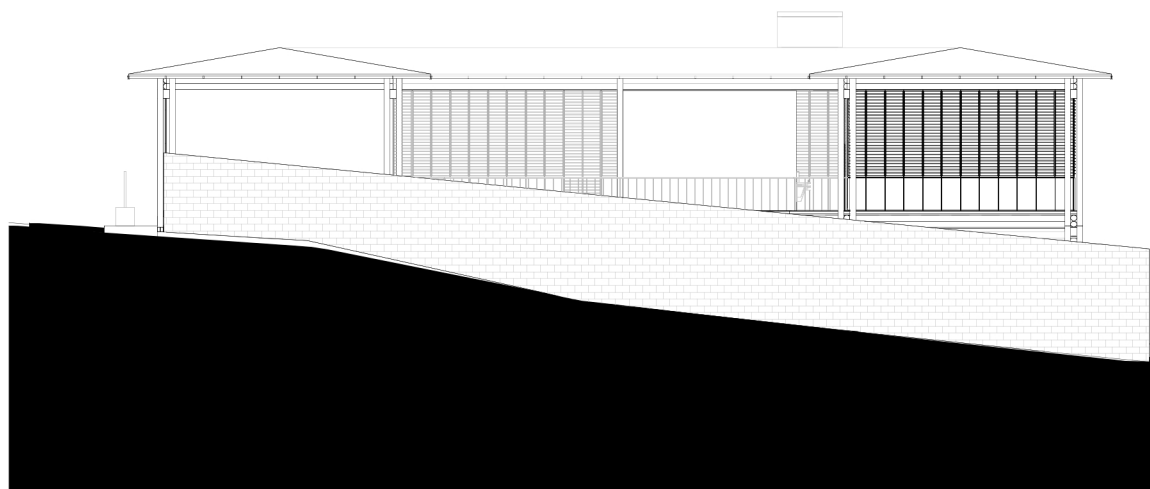
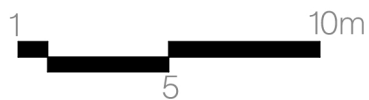
ELEVAÇÃO OESTE
1:250



ELEVAÇÃO LESTE
1:250

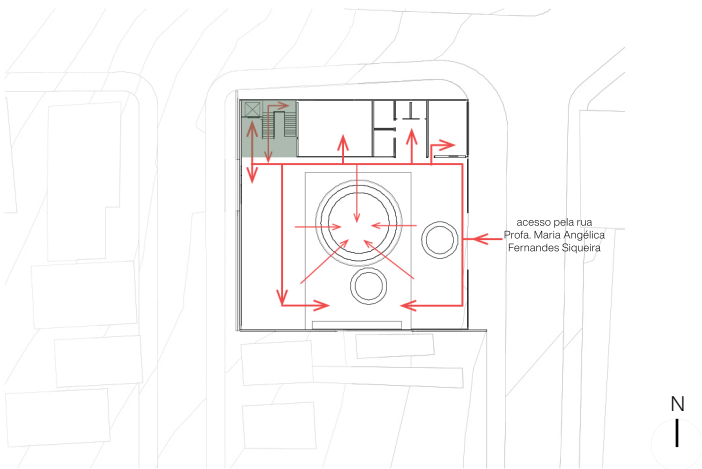
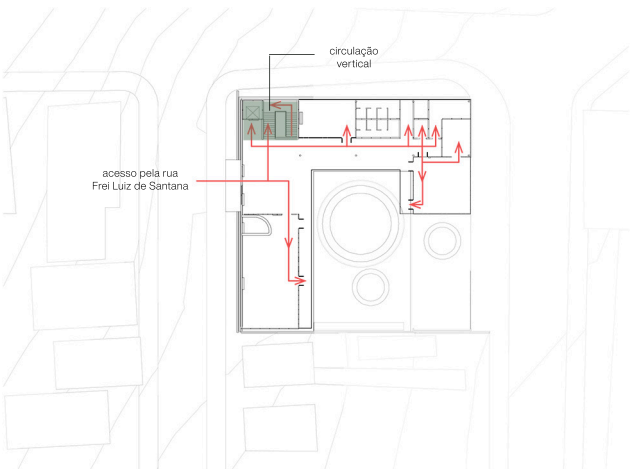
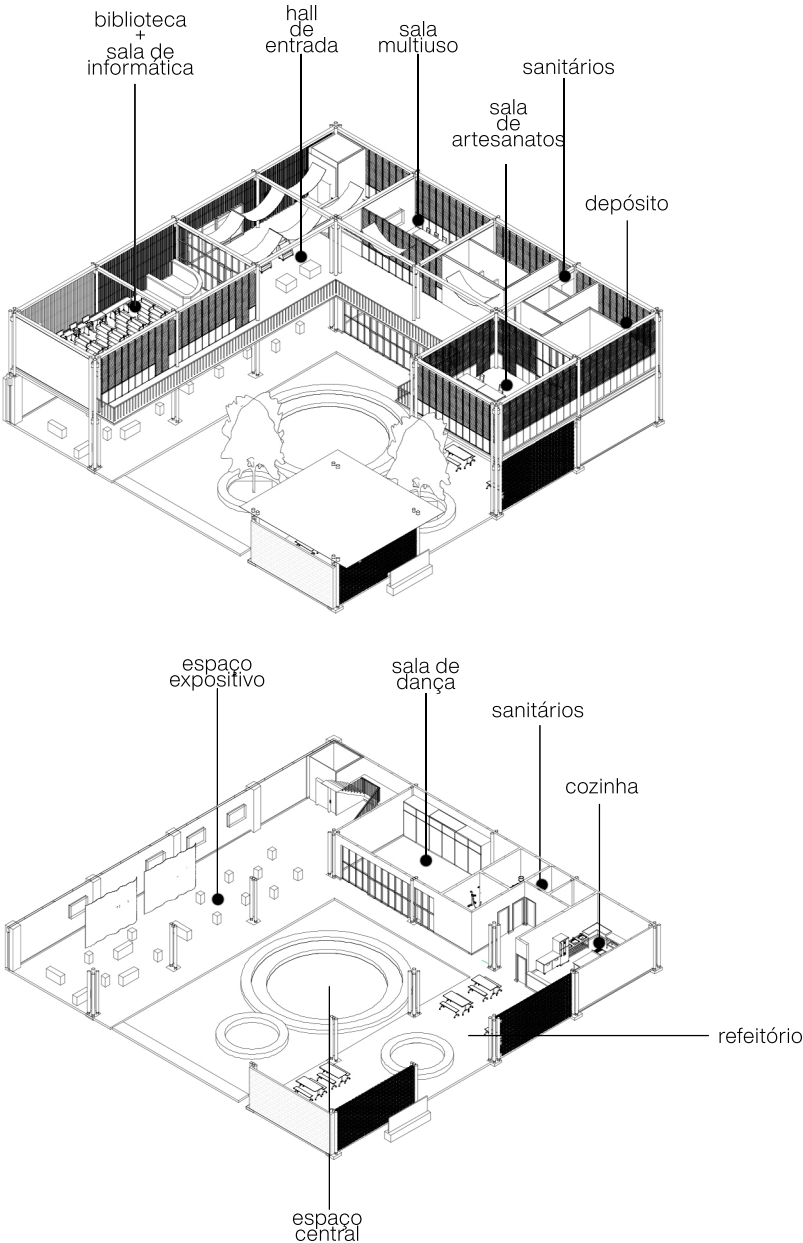


ELEVAÇÃO NORTE
1:250

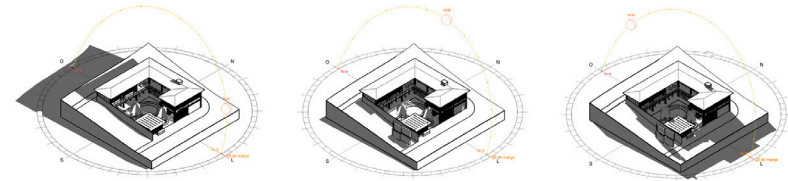


ELEVAÇÃO SUL
1:250

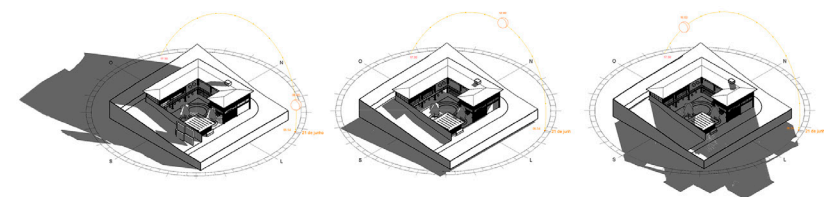
AMBIENTES E FLUXOS



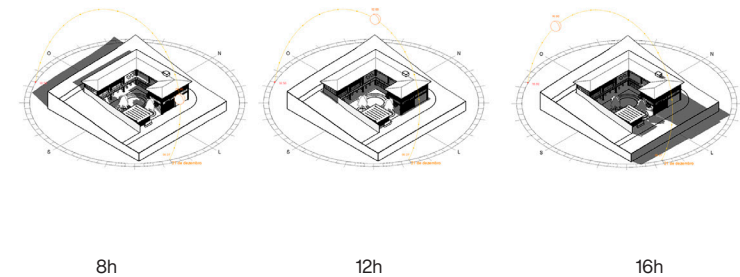
equinócio



solstício de inverno



solstício de verão



As fachadas da edificação estão situadas na face Norte, Leste e Oeste do terreno, aproveitando as áreas com a melhor incidência solar. As faces Leste e Norte são protegidas da insolação através dos fechamentos pivotantes, que permitem controlar a entrada de luz conforme a necessidade de estação. Além disso os volumes do projeto conformam uma sombra sobre o pátio central que o torna confortável durante as estações mais quentes do ano.

MATERIAIS

O projeto usa de materiais tradicionalmente utilizados na arquitetura africana em uma releitura e adaptação para um projeto moderno no Brasil.

A madeira compõe a estrutura do projeto, possibilitando uma edifício resistente e sustentável, articulado com os fechamentos também em madeira do piso superior que desenharam as fachadas do projeto com as texturas criadas pelos montantes e ripas.

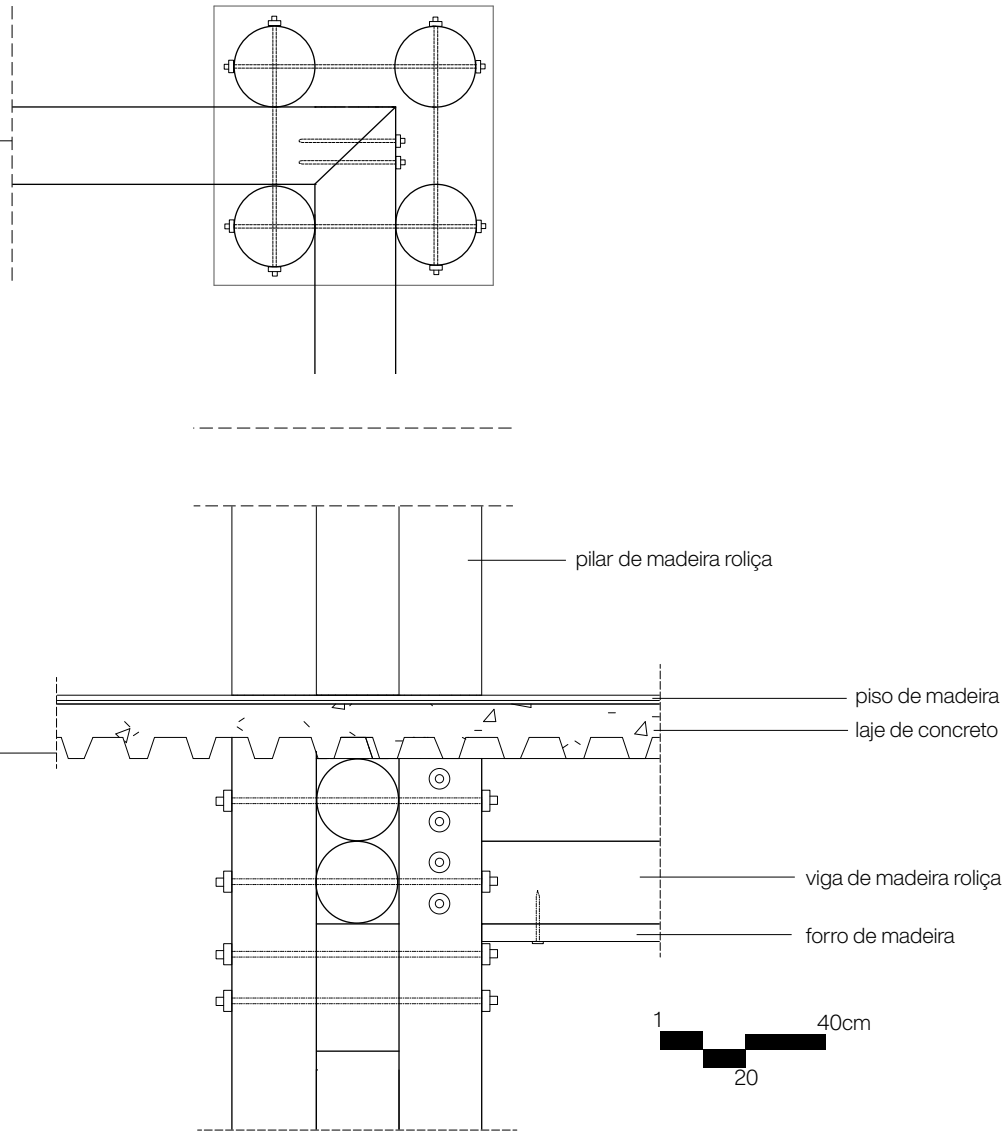
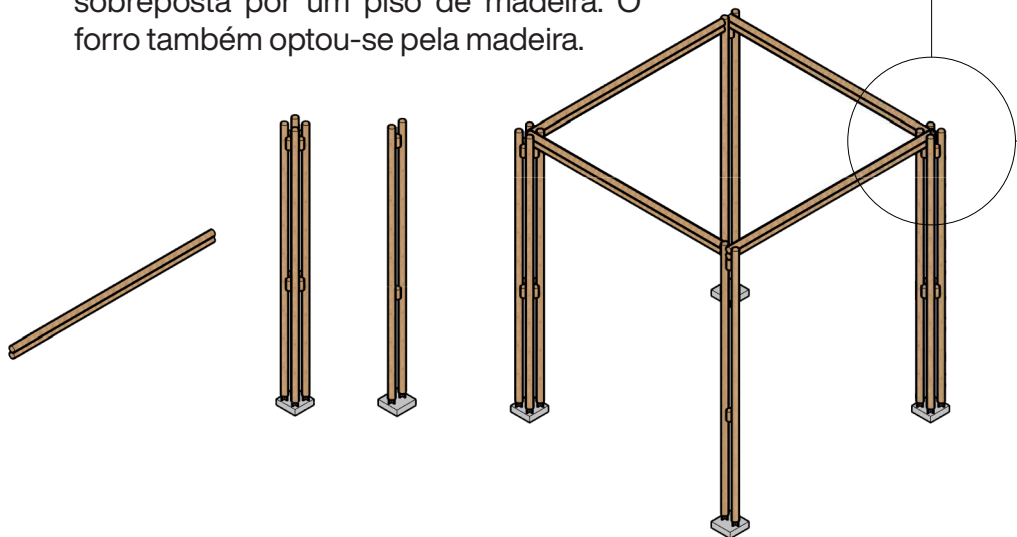
As paredes do primeiro piso são feitas de taipa de pilão. A taipa é uma técnica construtiva altamente disseminada no Brasil colonial e está presente na arquitetura brasileira desde os seus primórdios. Essa técnica normalmente tem suas origens no Brasil atribuídas a Portugal. Porém, a mão-de-obra que executava essas construções era a mão-de-obra negra, que trazia consigo seus conhecimentos técnicos da taipa executada em África. Portanto a taipa no projeto assume um caráter de homenagem a essa herança técnica vinda da África e que se incorporou na arquitetura brasileira ao longo dos séculos.

DETALHAMENTO - ESTRUTURA

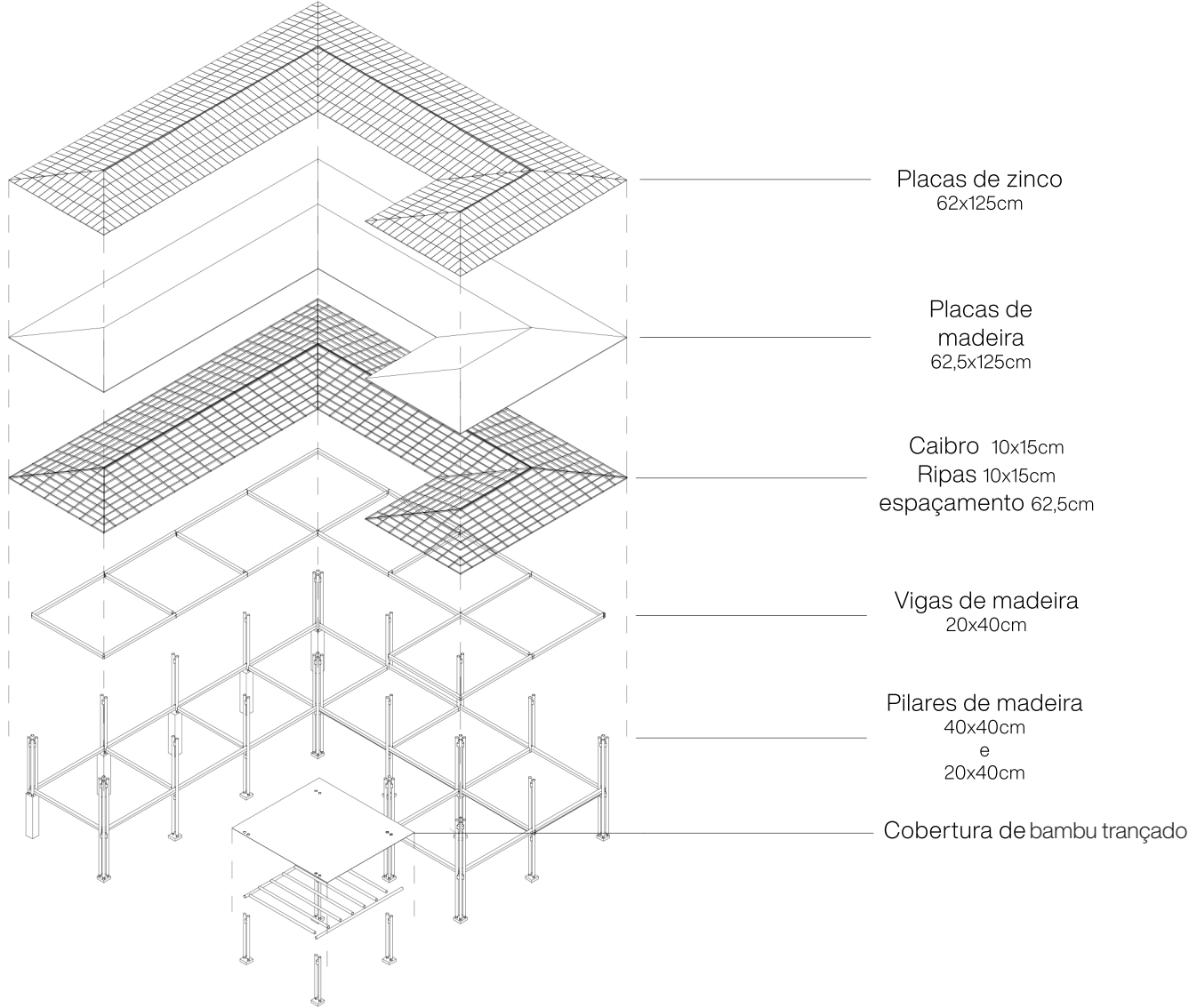
O módulo estrutural de 7,50x7,50m é composto por um sistema de pilar viga feitos de madeira roliça, que apresentam alta resistência mecânica.

As vigas são compostas por dois troncos de 20 de diâmetro, enquanto os pilares possuem duas tipologias: 2 troncos de 20x20 ao longo da extensão do edifício e 4 troncos de 20x20 nas extremidades da malha estrutural.

O piso é composto pela laje de concreto sobreposta por um piso de madeira. O forro também optou-se pela madeira.

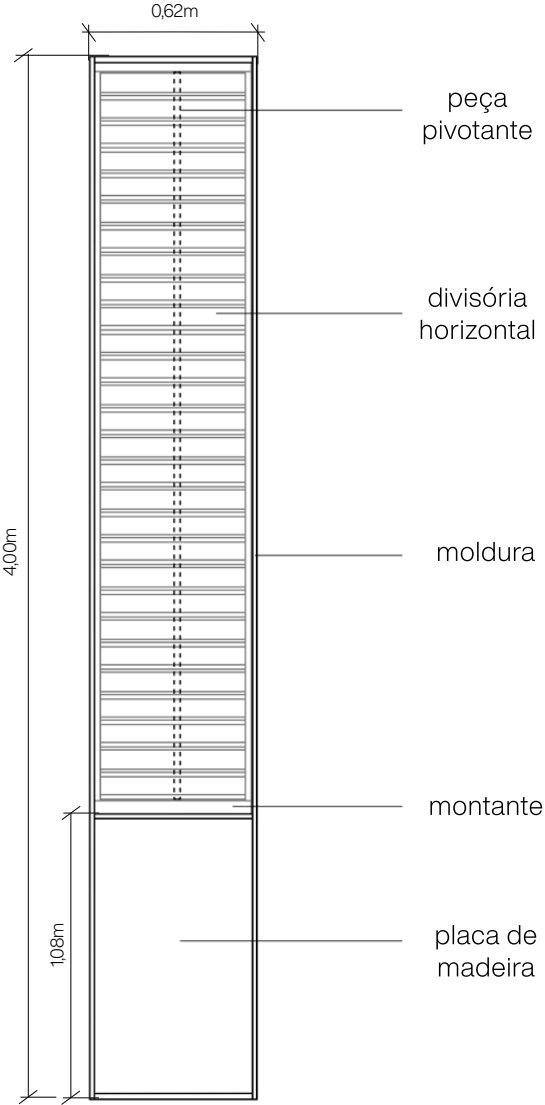
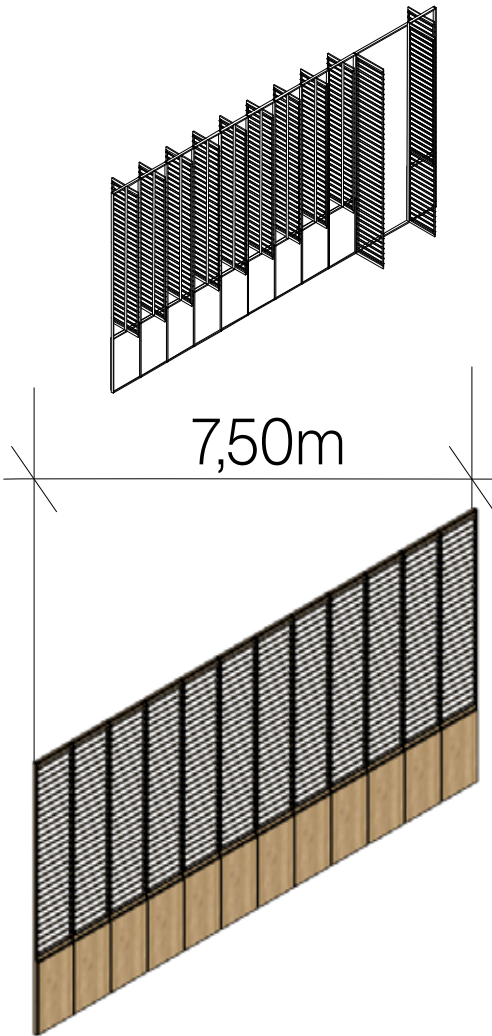
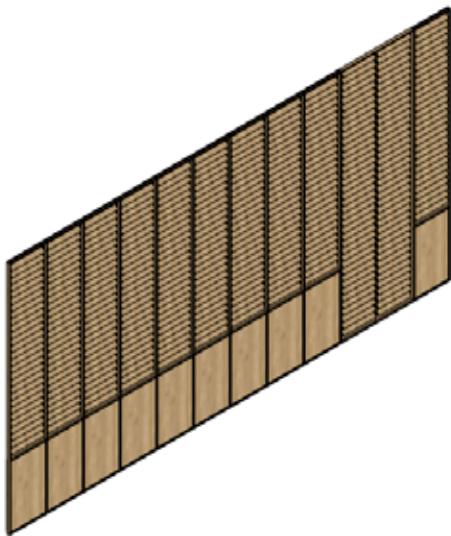


DETALHAMENTO - ESTRUTURA



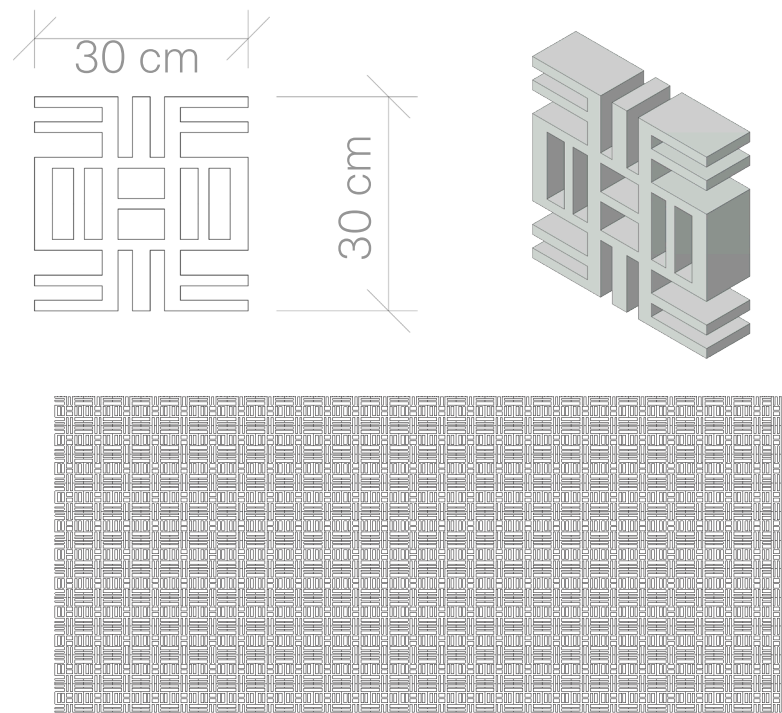
FECHAMENTO PIVOTANTE

As faces norte e leste do projeto são fechadas por um sistema de janelas pivotantes que permitem o controle da incidência de luz. As medidas são ajustadas para se adequar a modulação de 7,50 metros.



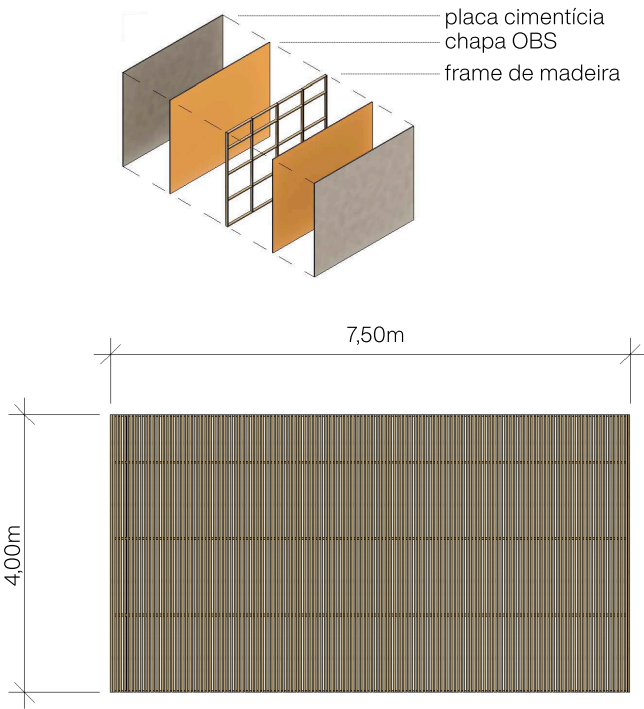
FECHAMENTOS

Para a fachada do pátio com a rua inferior, optou-se por um cobogó com desenho feito com base na adinkra OHU, que simboliza conhecimento, educação através da vida e contínua busca pelo saber. O modelo foi produzido e parametrizado através do Revit, em módulos de 30x30cm.



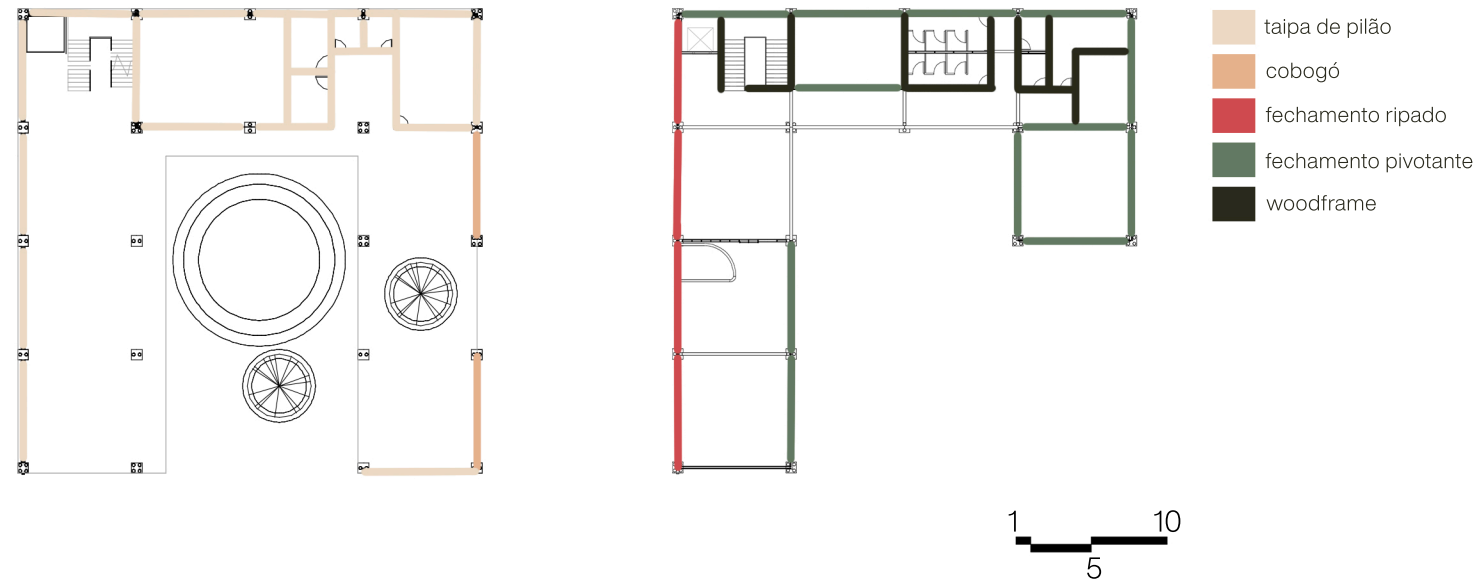
Para o fechamento do acesso superior e da biblioteca, optou-se por uma textura criada por madeira ripada.

As divisórias internas são de wood frame, composta por camadas de chapa OBS e placa cimentícia. Um fechamento leve e funcional.

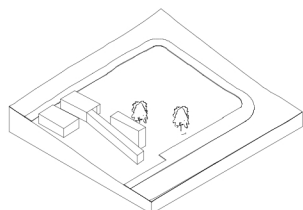


DISTRIBUIÇÃO DOS FECHAMENTOS

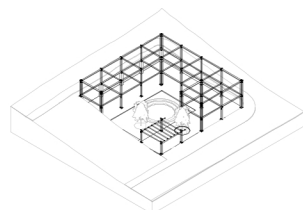
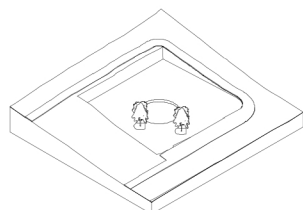
No piso inferior a taipa compõe a ambiência dos espaços e solidificam as relações humanas propostas no lugar, criando um ambiente confortável e acolhedor. Enquanto no piso superior a leveza dos materiais guiam as dinâmicas institucionais do Centro Cultural, de forma funcional e visualmente rica com as texturas criadas pelos fechamentos em madeira.



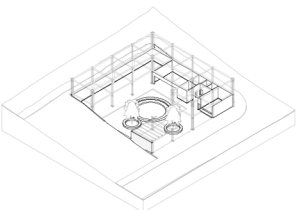
PROCESSO CONSTRUTIVO



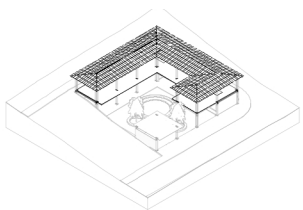
1. Escavação do terreno e a construção dos muros de arrimo nas fachadas Norte e Oeste para permitir a construção segura dos fechamentos da taipa. O projeto mantém a vegetação do terreno.



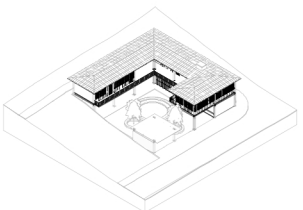
2. Levantamento da malha estrutural de madeira.



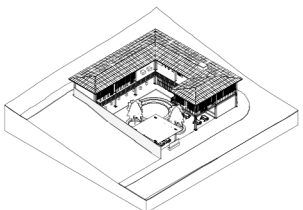
3. Levantamento das paredes de taipa do piso inferior.



4. Construção da cobertura.

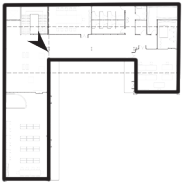


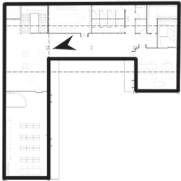
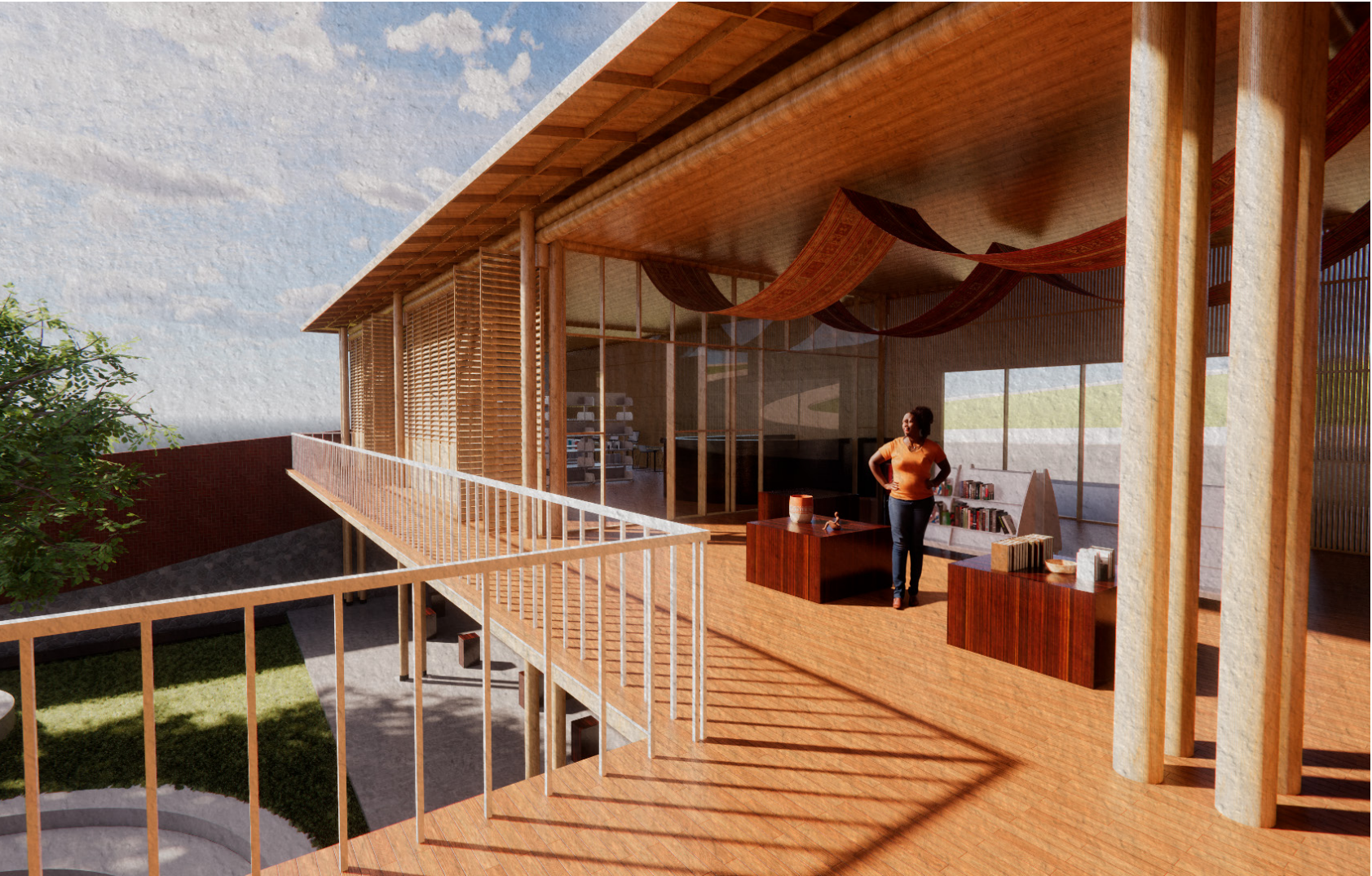
5. Instalação dos fechamentos de madeira e do woodframe.

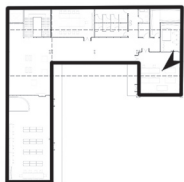


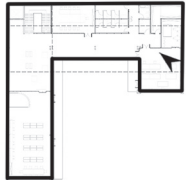


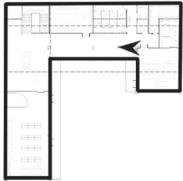
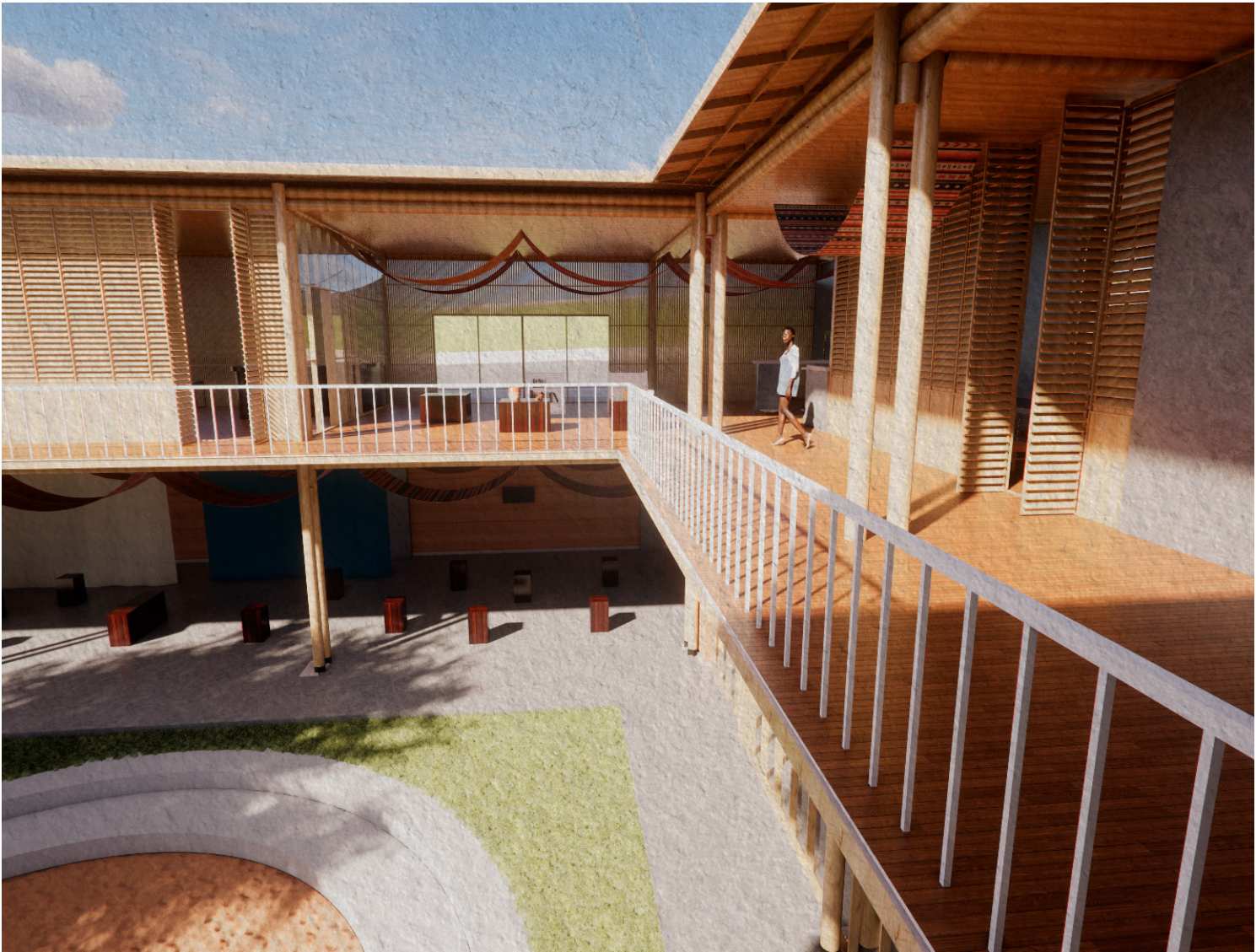
CENTRO CULTURAL
VILA ÁFRICA



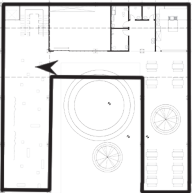


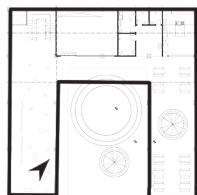


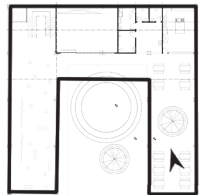












REFERÊNCIAS

ANTONIO, M. Entrevista concedida à Joana D'arc de Oliveira e Márcio Antonio Lino Júnior em 14 Julho de 2022.

A história do santa terezinha e o massacre do quilombo do corumbataí! Disponível em <<https://www.vozdosbairrospiracicaba.com.br/2021/03/a-historia-do-santa-terezinha-e-o.html>> Acesso em Agosto de 2022

Centro Cultural Vila África. Disponível em: <<https://www.vilaafrica.com/sobre-nos/>>. Acesso em Março de 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 129, p. 158-167, 2012.

DIAS, Guilherme Duarte. Piracicaba cria rota que conta história da presença negra na cidade. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/guia-negro/piracicaba-cria-rota-que-conta-historia-da-presenca-negra-na-cidade/>

DUARTE, Luiz Fernando Dias. GOMES, Edilaine de Campos. Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

LUCINDO, W. Piracicaba – Sede da Sociedade Beneficente 13 de Maio, disponível em <<http://www.ipatrimonio.org/piracicaba-sede-da-sociedade-beneficente-13-de-maio/>> Acesso em: Agosto de 2022.

MATTOS, Hebe Maria. Pós-Abolição no Mundo Atlântico. In: <http://conversadehistoriadoras.com/2014/09/15/pos-abolicao-no-mundo-atlantico/>. 2014.

Monteiro, N., Reminiscências de uma via e Vila África. Publicado no perfil pessoal do autor no Facebook, 2021.

Motta, J. F. Escravos daqui, dali e de mais além: o tráfico interno de cativos em Constituição (Piracicaba), 1861-1880. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 15-47 - 2006.

MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. 3a edição. Editora Ática, 1993.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Afrodiáspora: Revista do mundo negro, ano 3, no 6 e 7. Ipeafro, 1985.

OLIVEIRA, Joana D'arc. Olhares Invisíveis: Arquitetura e Poder na Fazenda São Roberto. Dissertação de Mestrado. IAU-USP, São Carlos, 2008.

_____. Da senzala para onde: negros e negras no pós-abolição em São Carlos (1880-1910) Tese de Doutorado. Orientação Profa. Dra. Maria Angela Bortolucci. IAU-USP, São Carlos, 2015.

Parque histórico quilombo corumbataí. Disponível em <<https://dajanela.com.br/locations/parque-historico-quilombo-corumbatai/>> Acesso em Junho de 2022.

Portal de exposição do IFCH, disponível em: <<https://www.expo.ifch.unicamp.br/portal/SB13/52>> Acesso em Julho de 2022.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). Texto escrito em 1989 e publicado pela primeira vez na Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 – CEEA, Universidade Cândido Mendes, setembro de 1989..

Weimer, G. Inter-relações AfroBrasileiras na Arquitetura. Porto Alegre, 328 p, EDIPUCRS, 2014.

APÊNDICE: VOCABULÁRIO VISUAL

Ao longo do caderno foram utilizados símbolos Adinkra. É uma das tradições simbólicas utilizadas por diversos povos africanos que carregam ideias expressas em provérbios.



Aya - baseado na samambaia, representa independência, resistência e perseverança.



Bese saka - faz referência ao fruto de noz-de-cola e representa poder, riqueza, abundância e união



Eban - figura de uma cerca, simboliza amor, segurança e proteção.



Fawohodie - Símbolo de independência, liberdade e emancipação.



Ohu - simboliza conhecimento, educação através da vida e busca contínua pelo saber



Sankora - representado por um pássaro, significa sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.

